



Simpósio Internacional

Performance Arte Portuguesa: 2 ciclos para 1 arquivo

Auditório Museu Coleção Berardo

20-22 de julho de 2016



Uma iniciativa:



Em parceria com:



CEIS 20
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO SÉCULO XX
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



INSTITUTO
DE HISTÓRIA
DA ARTE



IFILNOVA
FCSH/NOVA



Museu Coleção Berardo
Arte Moderna e Contemporânea

Com o apoio:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

60
ANOS

Com o patrocínio:



sumol+compal

Este evento é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto UID/PAM/00417/2013.

SOBRE O SIMPÓSIO

O Simpósio “Performance Arte Portuguesa: 2 ciclos para 1 arquivo” procura juntar numa mesma plataforma de discussão as recentes investigações que têm vindo a ser produzidas de forma dispersa, em várias áreas disciplinares, sobre este género específico em Portugal, enquadrando-a no contexto internacional. Este evento foca-se em três temas gerais: “Histórias da Performance” (dia 20), “Lugares da Performance” (dia 21), e “Tempos da Performance” (dia 22).

Muitas vezes, desconhecida pela geração de artistas e académicos que a sucedeu, a Arte da Performance — com expressão no campo artístico especialmente a partir de meados dos anos 60 do século XX e que tem ressurgido nas últimas décadas do nosso milénio — tem sido sistematicamente esquecida pela História de Arte portuguesa, caracterizando-se pelo que Ernesto de Sousa denominou de uma “História-sem-história” das vanguardas em Portugal. Consideramos, contudo, que a história deste género artístico, para além do seu valor estético, tem um papel nuclear na discussão de temáticas fundamentais da performatividade social dos portugueses, como sejam, as questões da revolução e da ditadura, da guerra colonial (ou do retorno das colónias), ou ainda, mais recentemente, a sua memória, a ausência dela ou a pós-memória. Nesse sentido, se por um lado, pretendemos abordar as práticas contemporâneas, por outro, queremos contextualizá-las numa perspetiva histórica e interdisciplinar inexistente até este momento.

A Arte da Performance manifesta-se, geralmente, através de uma ação física corporal, de uma experiência, que é o espelho de uma atitude crítica e filosófica. Há que fazer uma “arqueologia” (Foucault 1969) do conhecimento dessas ações nas suas várias dimensões: percepção, memória, consciência (introspeção), razão e testemunho (Robert Audi, *Epistemology*, citado em Gaut 2007:142). A invisibilidade da sua história inicial entre as décadas de 60-80, que se traduz por uma certa ausência de memória coletiva, ou nas palavras de José Gil de “não inscrição”, justificada por um défice de espaço público no qual se possam refletir profundamente as questões de identidade coletiva portuguesa (Gil 2005), paradoxalmente, parece ter vindo a constituir-se como um tema que atravessa alguns dos projetos artísticos portugueses contemporâneos que incluem no seu cerne performance e que procuram questionar reflexivamente a realidade social focando-se em processos de contra-memória histórica, ou seja, processos

que procuram recuperar “histórias suprimidas que se localizam de formas particulares, a que alguns têm acesso de forma mais eficiente do que outros” (Foster 1999).

De algum modo, acionando esses processos de contra-memória histórica estes artistas procuram mostrar que os discursos (dominantes) da história, revelam tão só uma história específica que, como refere Michel Foucault no seu ensaio "The Historical a priori and the Archive" (1969), envolve "uma forma de dispersão no tempo, um modo de sucessão, de estabilidade ou de reativação (...)". Essa história específica do discurso (dominante) é produzida através da determinação das “condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam um certo número de regras e, assim, de não permitir que toda a gente tenha acesso a eles. Rarefação (...) dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências ou se não for, de início, qualificado para o fazer. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e colocadas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala (Foucault 1997).

Para analisar criticamente este discurso, como nos diz ainda Foucault, é preciso pôr em prática o "princípio da inversão": "experimental discernir as formas de exclusão, da limitação, da apropriação (...); mostrar como se formaram, para responder a que necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força exerceram efetivamente, em que medida foram contornadas" (Foucault 1997).

Conscientes da instabilidade das fronteiras que definem esta prática e esta teoria da arte da performance pretendemos que o encontro seja um espaço de debate entre pessoas com formações e perspectivas muito distintas. De artistas a curadores, programadores culturais ou conservadores, de filósofos a sociólogos, de historiadores a antropólogos, o encontro pretende congrega em torno de si um confronto de ideias e de experiências interdisciplinares.

Neste sentido, esperamos que este Simpósio Internacional Performance Arte Portuguesa seja o primeiro passo na direção da criação de uma rede nacional e internacional de investigadores e artistas, e na constituição de um Arquivo Digital da Arte da Performance em Portugal.

Cláudia Madeira, Fernando Matos de Oliveira e Hélia Marçal

Comissão Científica

Paulo Filipe Monteiro (PhD), (IFILNOVA/ FCSH/NOVA)
Cláudia Madeira (PhD), (IFILNOVA/IHA/ iNOVA MEDIA LAB/FCSH/NOVA)
Rita Macedo (PhD), (DCR/FCT/NOVA e IHA/FCSH/NOVA)
Paulo Raposo (PhD), (CRIA/ISCTE/IUL)
Maria João Brilhante (PhD), (CET/FLUL)
Ana Pais (PhD), (CET/FLUL e MCGILL University)
Fernando Matos Oliveira (PhD), (CEIS2o/CLP/FCUC)
Ana Balona de Oliveira (PhD), (CEC/FLUL e IHA/FCSH/NOVA)
Liliana Coutinho (PhD), (Instituto A.C.T.E.- Université Paris 1 /CNRS)
Margarida Brito Alves (PhD), (IHA/FCSH/NOVA)
Bruno Marques (PhD), (IHA/FCSH/NOVA)

Comissão de Organização

Responsáveis pela Organização

Cláudia Madeira (PhD), (IFILNOVA/IHA/iNOVA MEDIA LAB/FCSH/NOVA)
Hélia Marçal, (DCR/FCT/NOVA, FP-UL e IHA/FCSH/NOVA)
Fernando Matos Oliveira (PhD), (CEIS2o/CLP/FCUC)

Comissão de Organização

Cláudia Madeira (PhD), (IFILNOVA/IHA/iNOVA MEDIA LAB/FCSH/NOVA)
Hélia Marçal, (DCR/FCT/NOVA, FP-UL e IHA/FCSH/NOVA)
Daniela Salazar, (IFILNOVA/FCSH/NOVA)
Marta Lança, (Doutoramento Estudos Artísticos/FCSH/NOVA)
Ana Bigotte Vieira, (IFILNOVA/IHC/ FCSH/NOVA e CET/FLUL)
Bruno Marques (PhD), (IHA/FCSH/NOVA)
Pedro Lapa (PhD), (Museu Coleção Berardo, IHA/FLUL)

Equipa de organização do Museu Coleção Berardo

Rita Lougares, Tiago Bueso e Frederico Mendes

Voluntários

Produção e Pós-produção de Vídeo

João Diniz, Guilherme Marques e Teresa Vieira

Secretariado

Isabel Costa e Margarida Tavares

Mostra bibliográfica

Curadoria de Manoel Barbosa

Mostra artística/documental

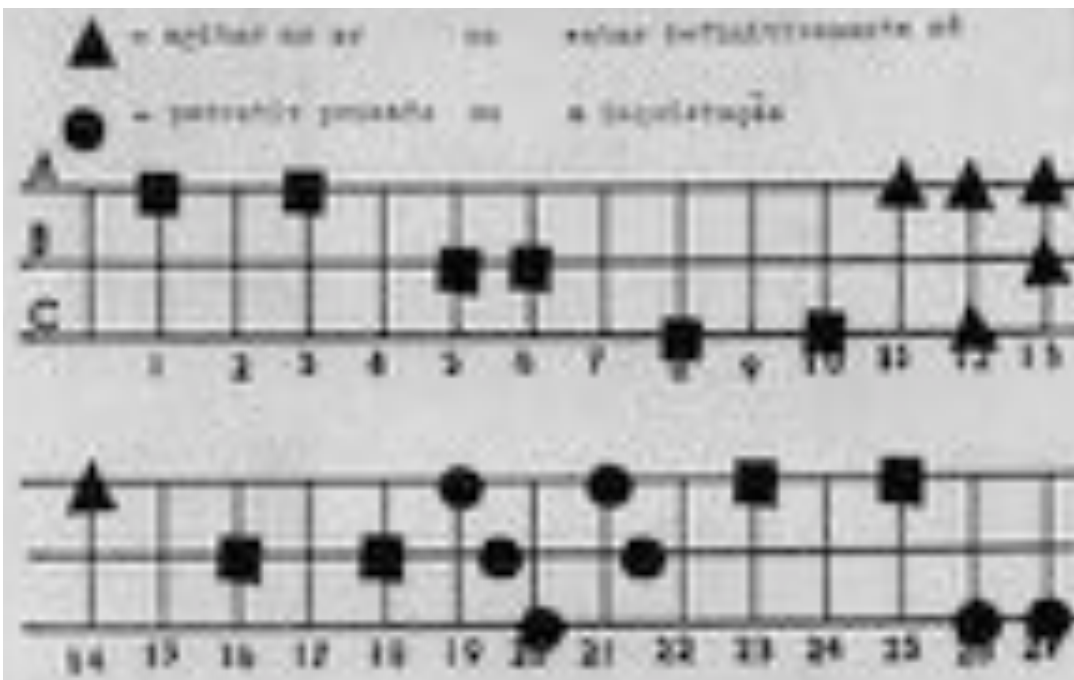
Curadoria de Cláudia Madeira

Montagem de Frederico Mendes

Créditos de Imagem

Capa: “Música Negativa”, 1965-77, E. M. de Melo e Castro. Cortesia do Artista.

Separadores: Pauta de “Música Negativa”, 1965-77, E. M. de Melo e Castro. Cortesia do Artista.



PROGRAMA



quarta-feira, dia 20 de julho
HISTÓRIAS DA PERFORMANCE

	Sessão de abertura do Simpósio
10:00	Cláudia Madeira, Fernando M. de Oliveira, Hélia Marçal, Paulo Filipe Monteiro e Pedro Lapa
	KEYNOTE SPEAKER: Em performance
10:30	António Olaio (<i>Mod: Cláudia Madeira</i>)
11:30	Coffee-break
	Sessão #1 (<i>Mod.: Verónica Metello</i>)
12:00	"To beat or not to beat", o gesto e a acção performativos em Ângelo de Sousa Filomena Serra
12:20	Marcas do Fluxus internacional em Portugal Sónia Pina
12:40	Depois de Abril: democratização, eventos colectivos e espaço público Isabel Nogueira
13:00	Discussão
13:30	Almoço
	Sessão #2 (<i>Mod.: Pedro Lapa</i>)
15:00	O mapa também faz o caminho: algumas considerações acerca da História da Performance em Portugal Mariana Brandão
15:20	Alegria da menoridade: Arte da Performance em Portugal Verónica Metello
15:40	<i>Estórias</i> sobre a performance em Portugal: testemunhos de uma "memória vida" em torno da Galeria Quadrum Bruno Marques e Alexandra do Carmo
16:00	Discussão
16:30	Coffee-break
17:00	FILME: "O laboratório artístico saltou para a rua em 1974": uma conversa entre Ernesto de Sousa e Melo E. Castro
	Diálogos Performativos #1 (<i>Mod.: Cláudia Madeira e Alexandra Leite</i>)
17:30	E. M. de Melo e Castro, Fernando Aguiar, Rui Orfão e Manoel Barbosa

quinta-feira, dia 21 de julho
LUGARES DA PERFORMANCE

Sessão #3 (Mod.: Rita Macedo)	
10:00	O lugar do ACARTE nos Anos 80 ou do ACARTE dos Anos 80 como lugar Ana Bigotte Vieira
10:20	Ritos de passagem: a incorporação de arte da performance em coleções museológicas na perspectiva da conservação Hélia Marçal
10:40	A montagem como prática curatorial: a performance artística como objecto museológico Daniela Salazar
11:00	Discussão
11:30 Coffee-break	
Sessão #4 (Mod.: Hélia Marçal)	
12:00	Para uma cronologia e taxonomia da arte da performance portuguesa no século XX Sandra Guerreiro Dias
12:20	Arquivos Culturais da performance portuguesa. O caso DOQ(K)S José Alberto Ferreira
12:40	A Visão Incorporada/ The Embodied Vision : Performance para a câmara – a coreografia de uma exposição Ana Rito
13:00	Discussão
13:30 Almoço	
Sessão #5 (Mod.: Fernando Matos de Oliveira)	
15:00	OS NOSSOS SONHOS NÃO CABEM NAS VOSSAS URNAS: Performances Artistas em 3 Actos Rui Mourão
15:20	O brrr Festival de Live Art, em 2001 e 2003, no Porto Rita Castro Neves
15:40	Grupo de Teatro OLHO e o desenvolvimento da performance em Portugal na década de 1990 João Garcia Miguel
16:00	Discussão

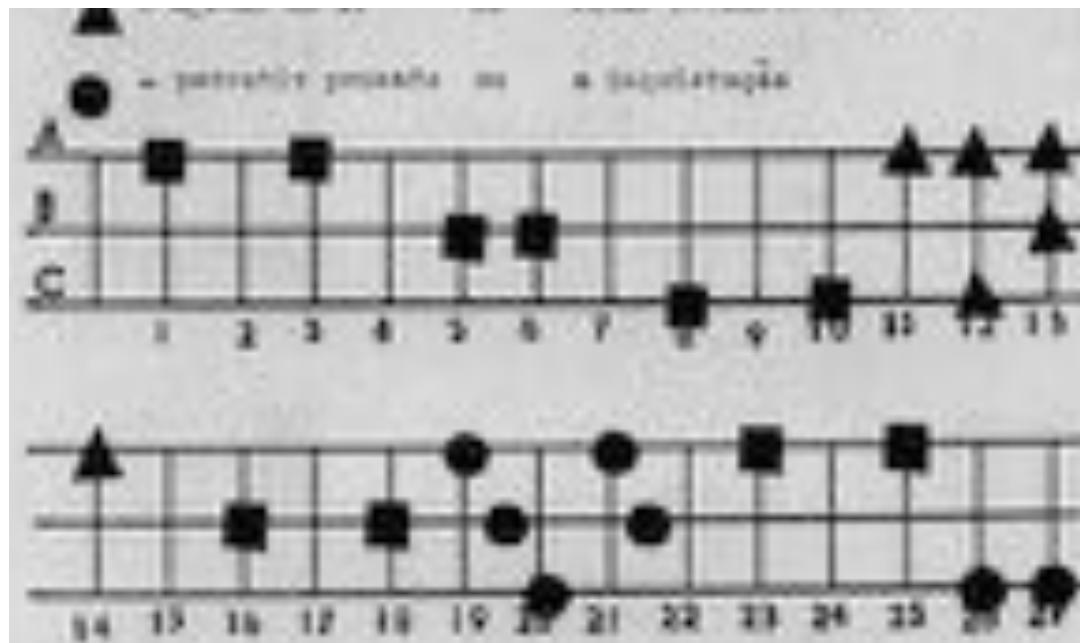
16:30	Coffee-break
17:00	PERFORMANCE: <i>"THE POSTCOLONIAL SINGER [lado B versão IMPÉRIO]"</i> Paulo Mendes
	Diálogos Performativos #2 (Mod.: Cláudia Madeira e Susana Pomba)
17:35	Paulo Mendes, Filipa César, Manuel Botelho, Albuquerque Mendes e Susana Mendes Silva

sexta-feira, dia 22 de julho

TEMPOS DA PERFORMANCE

	Sessão #6 (Mod.: Ana Pais)
10:00	Traduzir <i>Oralidade: O futuro da arte?</i> de Ernesto de Sousa Pedro Barateiro
10:20	Os Rituais Tradicionais Portugueses na performance de Armando Azevedo e Albuquerque Mendes Beatriz Albuquerque
10:40	O engajador engajado: artistas e programadores na Performance Arte Portuguesa dos anos dez Jorge Loureiro
11:00	Discussão
11:30	Coffee-break
	Sessão #7 (Mod.: Paulo Filipe Monteiro)
12:00	KEYNOTE SPEAKER: Metaformance: Corpo – Interface – Interactor Cláudia Giannetti
12:50	A performance multimédia e a adopção de novos media em Portugal Frederico Dinis
13:10	Discussão
13:30	Almoço
	Sessão #8 (Mod.: Paulo Raposo)
14:30	A polidez, grau zero do gesto artístico : o caso do senhor do adeus António Contador

14:50	Longe da vista, perto do coração Ana Pais
15:10	Corpos liminais Susana Chiocca
15:30	METÁLOGO #4 – histórias & geografias da performance Ana Dinger e Fernanda Eugénio
15:50	Discussão
16:30	Coffee-break
	Diálogos Performativos #3 (Mod.: Cláudia Madeira, Fernando M. de Oliveira e Hélia Marçal)
17:00	Vânia Rovisco, Manoel Barbosa e António Olaio
18:00	Sessão de encerramento do Simpósio Cláudia Madeira, Fernando M. de Oliveira e Hélia Marçal



RESUMOS



HISTÓRIAS DA PERFORMANCE

EM PERFORMANCE

ANTÓNIO OLAIO

Professor Auxiliar com Agregação no Departamento de Arquitectura
da FCTUC e investigador do Centro de Estudos Sociais da
Universidade de Coimbra

Um percurso que se inicia nos anos 80 pelos festivais de performance organizados por, ou com Egídio Álvaro em Paris, Amsterdão, Kassel, Almada, Cascais, Porto. Relato na primeira pessoa, sublinhando a importância da experiência na performance e na relação que podemos estabelecer com ela.

NOTAS



“TO BEAT OR NOT TO BEAT”, O GESTO E A ACÇÃO PERFORMATIVOS EM ÂNGELO DE SOUSA

FILOMENA SERRA

Membro integrado do Instituto de História da Arte, Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa

To beat or not to beat, foi um *happening* realizado em duas sessões em 28 e 29 de Junho de 1967, no Teatro de Bolso do Porto. É no período de espera, anterior à sua partida para Londres com uma bolsa do British Council para frequentar um Advanced Course on Painting na St. Martin's School of Art de Londres que o jovem pintor Ângelo de Sousa, então assistente na Escola de Belas Artes do Porto, concebe e cria, juntamente com os seus jovens alunos e alguns amigos, a concepção e criação desse espectáculo. O título jogava simultaneamente com o significado da palavra “to beat” (bater), com a designação de “beat generation” e com o título da peça de Hamlet, *To be or not to Be*.

Ângelo de Sousa concebeu o dispositivo cénico e o músico Jorge Constante Pereira a introdução musical durante a qual os alunos de Belas Artes e os actores do Teatro, diziam poemas e se entregavam no palco a todo o tipo de acções performativas. Do guião de poemas constava uma colagem de textos de registo contestatário, a partir de escritos de poetas e escritores norte-americanos, como Jack Kerouac, Gregory Corso, Gary Snyder e Alan Ginsberg, entre outros. A segunda sessão foi ainda mais animada, quando os estudantes de Belas Artes no final da sessão furaram com um *black-and-decker* os modelos de gesso da Escola. As notícias aparecidas n' *O Comércio do Porto*, deram conta de um “espantado público” que assistira a uma «demonstração de anti-teatro à Ionesco», onde se criaram situações absurdas e meio improvisadas, com sons, ruídos, luzes, mistura de canções e músicas, assim como entradas e saídas de personagens que se içavam no ar com roldanas e finalmente manequins caindo no palco e perfurações de estátuas de gesso.

Tratou-se, para nós, de considerar este “caso”, completamente esquecido, possibilitando a sua integração na história e memória da Performance em Portugal. De um modo mais alargado podemos contextualizá-lo dentro do

clima internacional de contestação cultural, que então já se vivia, por parte das novas gerações. Internamente, de resistência interna a um regime autoritário e a uma guerra colonial existentes há longos anos. Importa ainda sublinhar a relação de forças que se estabelece entre essas acções performativas e a expansão do conceito de médium que revelam as posteriores experiências tridimensionais com novos materiais, as experiências de vídeo e de fotografia que Ângelo de Sousa inicia durante a sua estadia em Londres, entre 1967 e 1968, e após o seu regresso definitivo a Portugal e que culminam com a apresentação de um ambiente na *Alternativa Zero*, em 1977, em Lisboa.

NOTAS

MARCAS DO FLUXUS INTERNACIONAL EM PORTUGAL

SÓNIA PINA

Centro de Estudos em Comunicação e Linguagens, Departamento
de Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Esta comunicação assume a forma de um *working-paper*, na medida em que dará conta dos resultados preliminares alcançados no âmbito da investigação de doutoramento em curso acerca das marcas do movimento internacional Fluxus em Portugal, nomeadamente, apresentando casos de estudo dessa influência na performática portuguesa do período de 1960-1980 ainda relativamente inéditos e/ou mal catalogados de acordo com certos preceitos taxonómicos. Na senda do um passado recente da história da arte da performance em Portugal, surge como central a *ALTERNATIVA ZERO*, que foi um evento que aglutinou múltiplas acções estéticas, desde exposições, conferências, instalações e *happenings*, organizado pelo comissário e artista Ernesto de Sousa, em 1977, na Galeria Nacional de Arte Moderna, e que inaugurou uma forma expandida de se fazer arte e do *mise-en-scène* artístico. Este evento apontou, segundo o seu organizador, para o reconhecimento geral da importância de uma nova vanguarda em Portugal. Nas suas palavras, aparece a ideia de um “estado ‘zero’ a que todos os caminhos vão dar”: uma redução a ‘zero’ que se dava por meio da formação de zonas de consenso e convívio de certas práticas artísticas que iam da *mixed-media* à reiterada referenciação do movimento artístico internacional, o Fluxus. Este evento norteou uma série de outros que firmaram uma nova “atitude” estética em Portugal, e que, por sua vez, delimitaram um novo campo de intervenção literário-perfomático que se sustentava em cinco ditames fundamentais, segundo Ernesto de Sousa: “1) Elevar o texto à função de intervenção permanente; 2) Não fazer profissão da sua arte; 3) Mostrar que tudo é arte, que toda a gente pode fazer obras de arte; 4) Ocupar-se mesmo das coisas insignificantes, sem valor institucional; 5) A arte deve ser limitada em quantidade, acessível a todos e, se possível, fabricada por todos”. Axiomas que dariam consistência conceptual a uma

[illegible]

NOTAS

DEPOIS DE ABRIL: DEMOCRATIZAÇÃO, EVENTOS COLECTIVOS E ESPAÇO PÚBLICO

ISABEL NOGUEIRA

Investigadora integrada do Centro de Estudos Interdisciplinares do
Século XX/Universidade de Coimbra, Professora Auxiliar Convidada
na Faculdade de Belas-Artes/Universidade de Lisboa e na
Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Esta comunicação centra-se no momento imediato à Revolução de Abril de 1974, concretamente no que respeita ao entendimento das artes visuais como manobra de abertura ao espaço público e colectivo. Na verdade, é como se, além da abertura do regime – com todas as suas implicações políticas, sociais, culturais e artísticas –, se pudesse fazer um movimento análogo nas artes, concretizado em alguns eventos colectivos relevantes e implicativos não apenas do período em causa mas da própria história da arte portuguesa, na sua ligação com o momento específico da revolução, mas também com o movimento, mais vasto, na neovanguarda internacional.

Neste âmbito, destacamos as ações colectivas, numa busca de total liberdade de intervenção e de criação, de dois importantes agrupamentos de artistas: o “Grupo Acre” (“Uma arte para toda a gente”, entre 1974 e 1977) e o “Grupo Puzzle” (“Contracorrente”, entre 1975-1981). A seu modo, ambos se assumiram como portadores de uma linguagem plástico-performativa inovadora no contexto português, de vertente conceptualista, social e artisticamente interventiva. Neste período, destacaram-se também os *Encontros Internacionais de Arte*, principalmente promovidos por Egidio Álvaro e pela Galeria Alvarez, que tiveram início em 1974, em Valadares, tendo continuidade no ano seguinte em Viana do Castelo, em 1976 na Póvoa de Varzim e em 1977 nas Caldas da Rainha. Propomos, pois, uma curta viagem por estes eventos, contextualizando-os num pano de fundo mais vasto.

NOTAS

[illegible]

O MAPA TAMBÉM FAZ O CAMINHO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTÓRIA DA PERFORMANCE EM PORTUGAL

MARIANA BRANDÃO

Investigadora associada do CIEBA, FBAUL

Partindo do princípio que a circunstância “ao vivo” é tendencialmente um denominador comum da Performance, aí residindo uma das suas fundamentais especificidades, ainda mais importa ancorar a História produzida nas obras apresentadas, em lugar de criar um corpo teórico que as desconsidera. É necessário resistir à importação de terminologia, conceitos, métodos, procedimentos e molduras intelectuais geradas a partir de outro tipo de práticas artísticas e modelos historiográficos assentes em questões externas às próprias obras.

A futura comunicação problematizará algumas das tensões, problemáticas e conclusões encontradas ao longo de uma investigação acerca da Performance produzida em Portugal por um conjunto de artistas associados às Artes Visuais (décadas de 70 e 80) e à Dança (sobretudo a partir dos anos 90), confrontando estas distintas “vias” e suas características.

NOTAS



ALEGRIA DA MENORIDADE: ARTE DA PERFORMANCE EM PORTUGAL

VERÓNICA METELLO

CEIS 20 da Universidade de Coimbra

A centralidade da categoria da experiência no quadro da arte desdobra o lugar das relações convencionais a que a história da arte, subsidiária de uma história das formas, a enquadrara. Este desdobramento (*ex-plica* ou a criação de um novo plano) abre um novo *plano de composição* e de relações onde a experiência sensível e a plasticidade do quotidiano se articulam numa reformulação da vida, *per se*, como projecto político.

Portugal - nas condições históricas e políticas que enquadraram as décadas depois de 60, articulou entre as artes plásticas, a poesia e a música experimental uma particular trama de experiências e experimentação, media e programação, que o tornam - entre as demais *histórias menores da performance*, um exemplo maior de excentricidade: de ordem prática, experimental, quotidiana, descentralizada, conectada e periférica. O discurso crítico e a historiografia dominante, sedimentados em outros compromissos e políticas, deixaram de lado esta movimentação - ou aceleração -, exigindo que um novo compromisso geracional, disciplinar e internacional ensaiasse, entre a primeira década de 2000 e hoje, a formulação de uma história da performance em Portugal, ou aquilo que se desenha como uma proposta aberta para a construção activa de uma memória.

NOTAS



ESTÓRIAS SOBRE A PERFORMANCE EM PORTUGAL: TESTEMUNHOS DE UMA “MEMÓRIA VIDA” EM TORNO DA GALERIA QUADRUN

BRUNO MARQUES¹ E ALEXANDRA DO CARMO²

(1) Investigador de Pós-Doutoramento no Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

(2) Artista plástica e aluna do curso de doutoramento em Estudos Artísticos- Arte e Mediações da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

A Galeria Quadrum é considerada um dos principais focos da arte experimental em Portugal da segunda metade dos anos 1970 e inícios dos anos 1980, tendo apresentado algumas das mais incontornáveis actividades ligadas à performance desses anos no nosso país. Foi no seu espaço que tiveram lugar, por exemplo, *Rotura* (1977) de Ana Hatherly ou *Caretos* (1984) de João Vieira, mas também, as marcantes performances de Gina Pane ou de Ulrike Rosenbach, artistas trazidas a Portugal para integrar o ciclo *Performing Arts* (1978) comissariado por Ernesto Sousa.

Em 2011 Alexandra do Carmo apresenta na Galeria Quadrum um projecto artístico intitulado “Tudo foi captado (mesmo os movimentos do cabrito)”. A exposição, para além de reunir uma série homónima de desenhos, disponibilizava em áudio vários depoimentos que a própria artista recolheu, concedidos por personalidades que frequentaram as exposições mais marcantes daquela histórica galeria.

Enquanto material inédito, o testemunho em primeira mão permite, por um lado, trazer à luz dados e informações desconsiderados pela historiografia sobre este período histórico, abrindo a possibilidade de se constituir uma “história da recepção da performance” (valorizada enquanto *património imaterial*). Por outro lado, a componente emocional, interpretativa e relacional desses depoimentos, não raras vezes feitos de

espanto, choque ou estranheza, impõe atender também à fundamental diferença entre o estatuto da “documentação” (tida como “prova” ou “registo”) e a memória viva de quem esteve efectivamente *lá* enquanto “audiência”, “testemunha” e “agente participante”.

A presente comunicação indaga sobre a relação diferida e tensional entre a suposta objectividade associada ao documento fotográfico e videográfico (tido como “tecnologia de verdade” e registo fixado e fidedigno do evento) e o “testemunho” individual como fonte considerada subjectiva e tingida pelo poder “transformador” da memória – hesitante, imprecisa, lacunar, emocional, enfática e transfiguradora, mas por isso mesmo, eminentemente rica e acutilante... *para uma história da (recepção) da performance.*

NOTAS

DIÁLOGOS PERFORMATIVOS #1

E. M. de Melo e Castro, Fernando Aguiar,
Rui Orfão e Manoel Barbosa

NOTAS

[illegible]

LUGARES DA PERFORMANCE

O LUGAR DO ACARTE NOS ANOS 80 OU DO ACARTE DOS ANOS 80 COMO LUGAR

ANA BIGOTTE VIEIRA

Investigadora no Instituto da Filosofia da Linguagem e Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa e Centro de Estudos de Teatro, Universidade de Lisboa

Apresentando a Timeline Digital ACARTE 1984-1989, propõe-se nesta apresentação um olhar sobre o Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1984 e 1989, durante a Direcção de Madalena Perdigão, enquanto lugar que, condensando em si actividades com razões de ser em concepções de cultura e de educação vindas de diferentes momentos históricos; e inaugurado num momento limiar, entre finais de um ciclo que remontaria aos Longos Anos Sessenta e a inauguração de um outro ciclo marcado pela entrada para a CEE; não é fácil arrumar de em categorias estanques, antes necessitando para uma compreensão apurada de uma inserção em periodizações várias, curtas e longas.

A sua acção, pautada por aquilo a que se chamou uma “curadoria da falta” não apenas se modifica e sofre, como se verá, uma aceleração exponencial entre os primeiros e os últimos anos; como não é subsumível às dicotomias alta cultura – baixa cultura; rural – urbano; cultura nacional – cultura internacional; clássico – inovador; nem mesmo a uma arrumação simples por género artístico ou renome dos artistas/*star system*; nem sequer a uma arrumação por ciclos temáticos ou iniciativas regulares, muito embora estas existissem.

Com o enfoque que este Serviço da Fundação Calouste Gulbenkian colocou no corpo – ao mostrar corpos extremos, pelos quais toda uma tradição da dança pós-moderna americana e da *performance art* tinha já passado, tradição esta forjada nos Longos Anos Sessenta; ou corpos clássicos, como o de obras teatrais nunca anteriormente representadas no país; ou corpos vindos de outras culturas e vistos como culturalmente relevantes, cosmopolitas mesmo; ou pura e simplesmente corpos com vontade de experimentar formas estéticas; ou corpos em aprendizagem como os jovens estreantes nos Concertos à Hora do Almoço; ou corpos

[illegible]

NOTAS

RITOS DE PASSAGEM: A INCORPORAÇÃO DE ARTE DA PERFORMANCE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS NA PERSPECTIVA DA CONSERVAÇÃO

HÉLIA MARÇAL

Bolseira de Doutoramento no Departamento de Conservação e Restauro, Faculdade de Ciências e Tecnologia, e Investigadora do Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

A incorporação de obras de arte da performance em coleções museológicas é ainda uma prática relativamente rara, apesar do aumento recente de interesse na sua aquisição. As dificuldades inerentes à sua exposição, são acrescidas pelas dificuldades relativas à sua preservação, já que a sua natureza intrínseca desafia os princípios tradicionais de inventariação e conservação.

Esta comunicação aborda o papel e o lugar destas obras em coleções museológicas, debatendo os desafios que coloca à conservação. Afinal, como gerir os conflitos que surgem na tensa passagem destas obras para uma coleção museológica, que implicará necessariamente a sua preservação e reativação?

Na exploração desta problemática discutimos, em primeiro lugar, o papel da documentação na preservação destas obras. Em segundo lugar, analisam-se os efeitos da incorporação de obras de arte de natureza performativa em instituições museológicas, tanto para as próprias obras, como para os procedimentos do museu.

Para ilustrar estas problemáticas e os seus horizontes, apresentam-se, a título de exemplo, dois estudos de caso: *sexyMF* (2006), de Ana Borralho & João Galante (f. 2002, Lisboa) e *Ad Verbum* (2010), de Vasco Araújo (n. 1975, Lisboa).

NOTAS

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

A MONTAGEM COMO PRÁTICA CURATORIAL: A PERFORMANCE ARTÍSTICA COMO OBJECTO MUSEOLÓGICO

DANIELA SALAZAR

Bolseira de Doutoramento no Instituto de Filosofia da Linguagem, e
Investigadora do Instituto de História da Arte, Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Esta comunicação pretende, numa primeira parte, estruturar uma linha teórica que ligue, de facto, este conceito de *montage* (Didi-Huberman) à realidade museológica, mas essencialmente, às Artes Performativas, enquanto objecto da prática museal. Desse modo, começo por referências como André Malraux e Aby Warburg, convocando o que de *montage* existia já nas suas propostas e nos seus conceitos de museu e de exposição. Complementarei esta parte com a ligação entre *montage* e as diversas temporalidades em «cena» nesta tipologia de exposições, articulando esta reflexão com os conceitos de exposição como dispositivo anacrónico e de displacement (espacial e temporal). Ao longo da segunda parte, intitulada Praxis em reflexão, selecciono alguns casos práticos que serão o elemento de estudo acerca do acto performativo implícito na prática da *montage* e a montagem curatorial como performance de memórias. No primeiro ponto, analisarei a concepção curatorial convencional da exposição permanente do Museu Nacional do Teatro e da Dança, onde tentarei identificar, precisamente, as fases do processo de montagem curatorial e das artes performativas; no segundo, apresento dois «jogos» de memórias, seja a programação do Museu Serralves, decorrida entre 20 e 21 de Setembro de 2015 - O Museu como Performance, e a proposta artística Re-acting to Time de Vânia Rovisco, pela AADK Portugal, que teve a sua última transmissão no Festival de Dança – Cumplicidades, realizado entre os dias 7 e 11 de Março de 2016 e apresentado, no Teatro Trindade, a 14 de Março.

NOTAS

[illegible]

PARA UMA CRONOLOGIA E TAXONOMIA DA ARTE DA PERFORMANCE PORTUGUESA NO SÉCULO XX

SANDRA GUERREIRO DIAS

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Esta comunicação parte da investigação realizada para a tese de doutoramento intitulada *O Corpo como Texto: Poesia, Performance e Experimentalismo nos Anos 80 em Portugal* (2016). Uma reflexão aprofundada sobre a relação estruturante entre performance e linguagem conduziu esta investigação ao início do século XX e à análise dos processos de emergência da Arte da Performance Portuguesa (APP) na relação com a eclosão da vanguarda futurista no país. Simultaneamente, permitiu identificar, em particular, a relação genealógica e identitária que se tem vindo a estabelecer, desde essa altura (mas não só), entre a APP, a Poesia Experimental Portuguesa (PO.EX) e a Performance Experimental Poética (PEP).

Este movimento retrospectivo de arqueologia histórica resultou na elaboração de uma cronologia detalhada da arte da performance portuguesa entre 1900 e 1990; na construção de uma base de dados analítica exaustiva e detalhada, a partir de categorias como data, título, áreas artísticas de intervenção, taxonomia, intervenientes, locais e cidades, em permanente atualização e expansão (estando em curso a integração da década de 1990); a criação de uma taxonomia da APP no século XX, constituída por um total de 35 categorias analíticas-descriptivas. A investigação foi acompanhada por um processo de levantamento e seriação arquivística, na base da construção, em curso, de uma cronologia intermedial da APP na relação com a PEP para o *Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa* (*po-ex.net*). Este arquivo digital evidencia as funcionalidades e vantagens de uma abordagem intermedial e performativa de um objeto histórico, também ele, intermedial e performativo.

O mapeamento das origens do experimentalismo poético e performativo desde o princípio do século XX permite verificar cinco picos de atividade, centrados em torno dos seguintes epicentros da vanguarda: o Modernismo e Futurismo (1908-1920), o Surrealismo (décadas de 1940-1950), o Concetualismo (anos 60), do 25 de Abril em diante, observando-se ainda um crescimento acentuado e exponencial nos anos 80, verificando-se a relevância dos legados futurista, dadá, surrealista e concetual nestas práticas.

Esta comunicação centra-se, em particular, na apresentação desta cronologia interativa, em contínuo processo de expansão e atualização, incidindo-se na demonstração, por intermédio de exemplos e de obras e intervenções, dos cinco períodos históricos determinantes na história da Arte da Performance Portuguesa. Simultaneamente, apresenta-se as categorias taxonómicas da APP e da PEP que sustentam esta cronologia intermedial, procedendo-se ainda a uma visualização dinâmica dos dados recolhidos.

NOTAS

ARQUIVOS CULTURAIS DA PERFORMANCE PORTUGUESA. O CASO DOC(K)S

JOSÉ ALBERTO FERREIRA

Assistente Convidado da Universidade de Évora (Departamento de Artes Cénicas), Investigador-colaborador do Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora

Em 1976, o poeta e performer francês Julien Blaine iniciou a edição da revista DOC(K)S, um projecto internacional, dedicado à investigação e difusão de práticas poéticas oriundas de geografias periféricas, sobretudo atendendo às formas da poesia visual, à poesia sonora, à performance poética nas suas múltiplas combinações (música, palavra e voz, presença e corporalidade, poesia visual e poesia objectual). Com a DOC(K)S, Blaine evidenciava já uma forte consistência e assegurava um espaço de estudo e difusão a poetas e poesias oriundas de países como a Polónia, Catalunha e Espanha, Itália e Portugal, entre outros. Promovendo encontros, festivais, debates e publicações, o projecto de Blaine rapidamente se transformou num mapa de contornos vigorosamente minoritários, onde a expressão poética e performativa exhibe a sua condição marginal(izada) face ao sistema oficial (das poéticas e dos artistas, dos sistemas de financiamento e de reconhecimento).

A DOC(K)S dedicou vários números a Portugal, números onde se incluem nomes como Fernando Aguiar, Elisabete Mileu, José Oliveira, entre muitos outros. Tomado como um mapa de uma arte marginal(izada), que se pauta pela ausência do sistema (ou pelo persistente não-reconhecimento por parte do sistema), os dados relativos a performers nomes portugueses da DOC(K)S configuram um especial desafio para historiar esta arte. Por um lado, permitem verificar a presença de performers nacionais no circuito internacional, muitos dos quais são, ainda hoje, razoavelmente desconhecidos. Por outro lado, a existência de um tal mapa possibilita, igualmente, a recuperação alguma da documentação publicada naquele contexto, nomeadamente fotográfica, como parte do arquivo perdido que lhe corresponde.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

NOTAS

A VISÃO INCORPORADA/ THE EMBODIED VISION : PERFORMANCE PARA A CÂMARA – A COREOGRAFIA DE UMA EXPOSIÇÃO

ANA RITO

Investigadora CIEBA - FBAUL: Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes/ Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

Na exposição *A Visão Incorporada/ The Embodied Vision: Performance para a câmara - Exposição Colectiva Internacional de Vídeo* (em parceria com a Electronic Arts Intermix, MNAC, 2014), é a imagem videográfica que, registando o corpo, edifica o conceito de “performance para a câmara”, não pressupondo que as acções sejam experienciadas ao vivo por um público, logo permitindo um desfasamento conceptual que colabora na definição de um campo esquivo e entre mundos: os gestos são “arquivos” do corpo em trânsito. A figura, agora tornada, o corpo da imagem (podemos talvez considerar dois corpos unidos, o corpo enquanto figura, e o corpo próprio do vídeo ou do filme enquanto representação, “objecto”), estabelece a transmutação e a hibridez da própria condição do *medium* das imagens em movimento. O corpo é redesenhado ininterrupta e profundamente, através das imagens que a partir dele são criadas e que de alguma forma, devolvem o reflexo, transformando-o a cada olhar.

Este é um projecto expositivo que pretende “colocar em cena” um conjunto de peças videográficas que exploram noções (várias) de performance para a câmara, afastando-se de uma visão ontológica ou historicista, mas antes, aproximando obras e artistas (nacionais e estrangeiros) segundo núcleos relacionais (conectáveis e permeáveis) que alteram a cada nova semana: é construída uma espécie de *timeline* na qual se define um tempo específico de exibição de cada obra.

A rotatividade do programa permite a apresentação de obras de vinte artistas, a criação de diferentes dispositivos instalativos (*layout/display*) e manifesta, de forma muito efectiva, a performatividade (e o movimento) inerente a todo o projecto, existindo assim uma espécie de coreografia

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

NOTAS

OS NOSSOS SONHOS NÃO CABEM NAS VOSSAS URNAS: PERFORMANCES ARTIVISTAS EM 3 ACTOS

RUI MOURÃO

Artista visual. Mestrado em Antropologia - Sociedade e Cultura e Pós-graduação em Culturas Visuais Digitais, ambos no ISCTE. Estudou artes visuais/cinema/interpretação na Maumaus, Academia de Artes de Malmö (Suécia), Centro de Estudos Cinematográficos da Catalunha e Universidade Autónoma de Barcelona.

Existe um dominante enquadramento da Arte que a confina a hermetismos e limita o seu impacto. Esse enquadramento opera quer por dispositivos físicos como a moldura, o plinto, o *white cube*, a *black box*, o palco ou o ecrã, quer pelo enquadramento do sistema da arte fora dos quais não há legitimação artística (com base nos seus agentes, dinâmicas, instituições, públicos ou mercados próprios). Esse enquadramento opera-se por critérios que as elites culturais definem e reproduzem, adquirindo com esse domínio um "capital cultural" (Bourdieu 1986).

As performances artivistas, enquanto atos de contrapoder, podem subverter essas relações de poder. Tomam a dissensão como performance numa dimensão simbólica tão interventiva no real que vai para além da "arte pela arte", aproximando a arte da sociedade. Possuem um potencial transformador individual e coletivo, aliando a estética a uma ética. São a vanguarda performativa mais ousada, interdisciplinar e crítica.

Dentro dessa lógica, numa rotura de limites disciplinares entre arte, política e antropologia, desenvolvi a troika artivista OS NOSSOS SONHOS NÃO CABEM NAS VOSSAS URNAS, constituída por livro (*Ensaio de Artivismo - Vídeo e Performance*) + videoinstalação + performance em 3 Actos. No *Acto I* houve uma ocupação coletiva do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado, na noite da inauguração da exposição, que fez do protesto pela cultura uma performance e da performance um protesto pela cultura; tendo-se-lhe seguido o *Acto II* com 73 pessoas a mimetizar estátuas e pinturas no

Museu Nacional de Arte Antiga, evocando o "direito à Cultura" expresso no Art. 73º da Constituição Portuguesa; e finalmente o *Acto III*, com uma coreografia no Palácio Nacional da Ajuda – sede do poder público da Cultura em Portugal – com porcos antropomorfizados, chapéus-de-chuva, poesia e um drone que tudo filmou de cima.

Os 3 *Actos* performativos criaram formas artísticas que permitiram obter uma voz na esfera pública, constituindo os seus participantes em atores políticos. Demonstrou-se na prática que a arte pode empoderar as pessoas e que o corpo é o *medium* mais democrático e universal para o executar: todos temos um.

NOTAS

O BRRR FESTIVAL DE LIVE ART, EM 2001 E 2003, NO PORTO

RITA CASTRO NEVES

Docente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa,
Membro colaborador do IZADS Instituto de Investigação em Arte,
Design e Sociedade, onde criou e dirige o grupo Sintoma.
Performance, Investigação e Experimentação.

Propõe-se partir da experiência de comissariar em 2001 e 2003 no Porto, um festival internacional de Live Art ou Performance Art – uma área da criação que se caracteriza pela informalidade, efemeridade, imprevisibilidade, pela diversidade e até dificuldade de caracterização - num contexto de programação de um Teatro Nacional (o Teatro de São João, na altura TNSJ e ANCA).

Quando o festival brrr se apresenta no Porto, integrado num movimento de entusiasmo à volta do ano da Capital Europeia da Cultura, o contexto da performance no país da altura também estava esquecido da sua história, havendo mesmo entre os profissionais da cultura, um enorme desconhecimento e confusão sobre a área específica da performance art.

O trabalho desenvolvido ao longo das duas edições do brrr foi simultaneamente um esforço de dar a conhecer ao público genérico da cultura o que era a performance ou live art, trazer a Portugal práticas de mérito diversificadas, mostrar performers e práticas de periferia portuguesas, fomentar a internacionalização dos artistas portugueses, usar espaços não convencionais para a arte, ainda que convencionais para vida, numa relação segura com a site-specificity e criando relações com o(s) público(s) sem pré definições ou enquadramentos convencionais: na rua, na praça, na fonte, na sala de bilhares de um café, numa estação de comboios, num café desativado, numa capela, num restaurante, na fachada de um teatro em obras, com o impacto adrenalínico de ver ainda o público chamar a polícia porque “está um homem em frente a uma igreja com penas e farinha no corpo” e ver o público amotinar-se contra um artista que calmamente desenha o chão com giz.

[illegible][illegible]

GRUPO DE TEATRO OLHO E O DESENVOLVIMENTO DA PERFORMANCE EM PORTUGAL NA DÉCADA DE 1990

JOÃO GARCIA MIGUEL

Professor na FSCH na disciplina de mestrado de Espaços
Performativos e investigador associado do CIAC da
Universidade do Algarve

No próprio título do grupo OLHO, criado nos anos 90 colocava-se uma ênfase num novo órgão, num olhar para o mundo e para o homem e o(s) seu(s) corpo(s) de forma interrogativa e numa demanda de procura e experimentação. O grupo desenvolveu métodos de actuação performativa que lhe eram peculiares pela ligação antidisciplinar que colocava no seu trabalho de pesquisa formal e conceptual e que se desenvolveu em diálogo com artistas de performance nacionais e internacionais (de gerações anteriores ligados por exemplo à poesia visual e à música experimental).

NOTAS



PERFORMANCE: “*THE POSTCOLONIAL SINGER [LADO B VERSÃO IMPÉRIO]*” (2013/2016)

UMA PERFORMANCE MUSICAL

PAULO MENDES

21 DE JULHO 17:00 (MUSEU COLEÇÃO BERARDO)

21 DE JULHO 22:30 (CAFÉ IMPÉRIO)

A urgência do presente oblitera a memória. Aliviem-se as consciências colonizadoras, chegou a hora de expurgar memórias passadas. O detergente histórico vai purificar uma descolonização historicamente desastrosa e fora de tempo através de investimentos e parcerias estratégicas. De colonizador, a economicamente colonizado, entre reeditados álbuns de postais idílicos do Ultramar, na Lisboa europeia e timidamente cosmopolita do século XXI, capital do Império, as pretas, passeiam-se com malas Louis Vuitton e sentam-se à mesa de conselhos de administração ou de velhos palacetes em faustosos jantares diplomáticos, enquanto a constrangida nomenclatura do poder e os seus ministros da velha República negociam mais um empréstimo que permita a sobrevivência do antigo colonizador. A metrópole bem comportada, ainda desnorteada na encruzilhada histórica dos antigos fantasma coloniais e em pânico económico numa Europa á deriva, encaixota as memórias e agradece a expansão económica - **Kanimambo!** Assim cantava João Maria Tudela no lado B de um single editado em 1959, intitulado Holiday in Lorenzo Marques.

A gestão do mundo português, da economia e da realidade, como nas velhas fotografias, segue dentro de momentos a preto e branco - realpolitik dixit.

“Só temos o passado à nossa disposição. É com ele que imaginamos o futuro.”

Eduardo Lourenço, 1997

Esta performance integra a série de trabalhos S de Saudade que desenvolvo desde 2007 tendo sido já realizadas várias exposições e performances em espaços mais convencionais como museus e também em galerias e projectos independentes.

No seu conjunto foram produzidos ao longo dos últimos anos trabalhos em pintura, desenho, instalação, fotografia e vídeo. Nas performances a memória do Estado Novo tem sido invocada através da personagem Senhor S.

“O que é a verdade?” questionava Salazar em 1966 no seu discurso em Braga nas comemorações do 40º aniversário do 28 de Maio.

O seu rosto já envelhecido desafiava a assistência no seu habitual tom professoral. Restavam os aplausos concordantes de uma elite instalada e fora de tempo que enunciava o início da agonia do Salazarismo.

Este projecto foge a um realismo mimético para criar uma distância crítica em relação á época. Não é a pessoa do ditador que é questionada mas o simbolismo em si concentrado - figura do absurdo - como representante de um passado colectivo. Este trabalho relaciona-se com as formas, os meios e os métodos, as imagens e as suas histórias e concepções que se transformaram num “património” comum.

“Politicamente só existe o que o público sabe que existe. É muito difícil ver o mundo da janela do nosso quarto.”

Salazar, discurso na tomada de posse do director do S.P.N. António Ferro em 1933

“A invisibilidade constitui o próprio estado de Salazar. Ele é invisível e quer-se como tal. Só raramente se mostra em público e ainda menos em manifestações de massas. A sua pessoa física, a sua presença corporal não se expõem aos olhares (...). Esta forma pouco habitual de presença de um Ditador não escapou a António Ferro: “E este nome, Oliveira Salazar, (...) começou a diminuir-se, a encurtar-se, até se engrandecer na sua redução à expressão mais simples, até ficar sintetizado nesta palavra sonora Salazar. Esse nome, com essas letras, quase deixou de pertencer a um homem para significar o estado de espírito dum país, na sua ânsia de regeneração, na sua aspiração legítima duma política sem política, duma política de verdade.”

José Gil, 1995

Ultrapassadas pelo avanço da história as representações do Estado Novo

estão agora armazenadas em esquecidos acervos de museu ou em arquivos esquecidos de televisão, como adereços ou fragmentos de uma peça fora de cena.

Numa sociedade de brandos costumes, este lento apagar da memória corresponde a uma amnésia colectiva.

P.M. 2007/16

[Texto inicial escrito em 2013, acompanhado por excertos de um texto mais amplo que foi sendo escrito, actualizado e publicado ao longo do desenvolvimento desta série de trabalhos S de Saudade.

O vídeo regista a apresentação original da performance em 2013 na Aula Magna da FBAUP Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto no âmbito da mostra de performances Sintomas e Efeitos Secundários.]

NOTAS



PAULO MENDES, FILIPA CÉSAR, MANUEL BOTELHO,
ALBUQUERQUE MENDES E SUSANA MENDES SILVA

[illegible]

TEMPOS DA PERFORMANCE

TRADUZIR *ORALIDADE: O FUTURO DA ARTE?* DE ERNESTO DE SOUSA

PEDRO BARATEIRO

A comunicação intitulada **Traduzir *Oralidade: O futuro da arte?* de Ernesto de Sousa** começa com as circunstâncias que me levaram a traduzir o texto do português para inglês em Abril de 2011. A comunicação tenta inscrever este texto na história da performance, no sentido em que o autor reflecte sobre a mudança de paradigmas da arte contemporânea no século XX. Escrito em 1968, o texto mistura o tom literário e teórico, característicos da obra escrita de Ernesto de Sousa, de forma a pensar o papel da arte no presente. O autor usa o conceito do “fim da arte” em Hegel e a crítica de Lévi-Strauss às “civilizações da escritura”, para reflectir sobre o crescente domínio do texto escrito em todas as formas de comunicação, do *marketing* à publicidade, na televisão e nos *comics*, sublinhando a “presença imperiosa da palavra” e de uma “nova oralidade” nos *mass media*, que deverá ser pensada em arte. A análise do texto é feita em paralelo com a produção teórica e crítica da mesma altura como *The Aesthetics of Silence* (1968) de Susan Sontag e *Six Years: The Dematerialization of the Art Object from 1966 to 1972* (1967-1968) de Lucy Lippard, passando pelo *Statement* (1972) de Yvonne Rainer. A comunicação debruçar-se-á depois para o momento em que a tradução foi feita, durante o verão de 2011, numa altura em que assistimos ao aparecimento do *Movimento 15-M* ou *Indignados* em Maio de 2011 em Espanha, o *Occupy Wall Street* em Setembro de 2011 em Nova Iorque, bem como as manifestações contra a austeridade em Portugal. A dúvida de Ernesto de Sousa sobre a capacidade da arte mudar a percepção do mundo subsiste, deixando a questão do uso da palavra na sua forma oral como meio privilegiado de combate num mundo dominado pela avalanche de informação.

NOTAS



OS RITUAIS TRADICIONAIS PORTUGUESES NA PERFORMANCE DE ARMANDO AZEVEDO E ALBUQUERQUE MENDES

BEATRIZ ALBUQUERQUE

Bolseira de Doutouramento na Columbia University,
New York - USA

O tema *Representações sobre a arte da performance em Portugal* proposto por Beatriz Albuquerque, (Columbia University, New York – USA), incide nas performances desenvolvidas por Armando Azevedo e Albuquerque Mendes, influenciadas pelos *Rituais Tradicionais Portugueses*. O título original indubitavelmente intitula-se *Os Rituais Tradicionais Portugueses na performance de Armando Azevedo e Albuquerque Mendes*, remetendo para os valores etnográficos tradicionais da cultura portuguesa evidenciados por estes dois artistas. Podemos constatar essa presença na performance através do simbolismo emergente dos rituais executados, nas cores utilizadas e no desenvolvimento da ação que incorpora as nossas tradições populares e religiosas. *Da Festa dos Rapazes*, às procissões religiosas da Festa da Nossa Senhora da Agonia, estes elementos são inerentes no trabalho de ambos. Cada artista descreve, segundo um percurso único e singular, o legado da memória desse tempo antigo.

NOTAS



O ENGAJADOR ENGAJADO: ARTISTAS E PROGRAMADORES NA PERFORMANCE ARTE PORTUGUESA DOS ANOS DEZ

JORGE LOURAÇO

Docente na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo e
Bolsheiro de Doutoramento em Estudos Artísticos, na Universidade
de Coimbra

Velocidade Máxima (2009), do Coletivo 84; Vontade de Ter Vontade (2012), de Cláudia Dias; Espectáculo Absoluto (2014), do grupo Sr. João; Museu Encantador (2015), de Rita Natálio; Coleção de Amantes (2015), de Raquel André; I Can't Breathe (2015), de Elmano Sancho; e Alla Prima (2015), de Tiago Cadete estão nas fronteiras entre teatro, dança e performance; nas fronteiras entre a profissionalização da carreira e o trabalho temporário; e nas fronteiras entre Portugal e o Brasil. É neste lugar híbrido, ou mestiço, ou precário, que tem vindo a ganhar forma o campo da performance arte em Portugal dos últimos anos. Entre as políticas dos programadores e as poéticas dos artistas vê-se emergir lentamente um território devastado, onde o horizonte de expectativas é cada vez mais limitado, e as performances tentam romper o cerco estético e ideológico da contemporaneidade. Nesta comunicação serão apresentados os modos como estas peças materializam os tópicos citados e, ainda, em particular, como, fazendo parte de um contexto específico de criação e circulação internacional, articulam representações sobre a portugalidade, em confronto com representações sobre a brasilidade.

NOTAS



METAFORMANCE: CORPO – INTERFACE - INTERATOR

CLÁUDIA GIANNETTI

Diretora do Institute for Advanced New Media Studies, Barcelon

O uso das tecnologias digitais interativas no contexto performático permite o desdobramento de modelos complexos de envolvimento entre artista e público. Os dispositivos de interface assumem a função preponderante de posicionar o espectador como interactor, gerando **metaformances** dialógicas. A noção de *metaformance* vem adquirindo, nas últimas duas décadas, cada vez mais relevo como sistema metadisciplinar aplicado tanto ao processo de criação, como à reflexão sobre essa tendência, que redefine a génese de *performer*, público, contexto y processo. Analisar o panorama nacional e internacional das propostas de metaformance será um dos objetivos centrais da conferência.

NOTAS



A PERFORMANCE MULTIMÉDIA E A ADOPÇÃO DE NOVOS MEDIA EM PORTUGAL

FREDERICO DINIS

Doutorando em Estudos Artísticos e Investigador do Centro de
Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20)

Nesta comunicação procuramos questionar e discernir o que é verdadeiramente novo na ontologia dos novos media e qual a sua aplicação no âmbito da performance multimédia em Portugal, deste o Futurismo Português até às novas abordagens dos dias de hoje.

Como ponto de partida assumimos o conceito de multimédia como sendo a combinação de meios ou de tipos de média, e defendemos que as performances multimédia se distinguem por envolverem estéticas alternativas, serem tecnologicamente inovadoras, se descentram do corpo/performer e se expandem a outros media, nomeadamente o som, a luz, o movimento e a imagem.

Procuramos identificar a genealogia da performance multimédia e discutir as suas derivações, de forma a rever e desconstruir este género da arte da performance em Portugal.

Demonstramos a centralidade e importância da estética e filosofia futuristas na performance multimédia atual e argumentamos que o legado do futurismo na arte dos novos media, em geral, e para a performance multimédia, em particular, tem sido muito subestimado.

Suportamos esta nossa posição defendendo que a performance multimédia deve ser analisada como uma extensão de uma história contínua da adoção e adaptação de tecnologias, cujo o propósito é o de aumentar o efeito estético da performance, das artes visuais e a sensação de espetáculo, o seu impacto emocional e sensorial, e o seu jogo de significados e associações simbólicas.

Por fim, refletimos sobre estas adoções e adaptações, interligando e relacionando artistas, obras e propósitos associados, de forma a perceber o desenvolvimento da performance multimédia, desde o Futurismo Português, cruzando o visualismo Português dos anos 60-80 e as abordagens mais interligadas à dança e às artes cénicas, e terminando nas

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

NOTAS

A POLIDEZ, GRAU ZERO DO GESTO ARTÍSTICO : O CASO DO SENHOR DO ADEUS

ANTÓNIO CONTADOR

Investigador no Instituto ACTE – UMR 8218 (Paris 1/CNRS)

João Manuel Serra (1931-2010) deve o seu mediatismo e pseudónimo – o senhor do adeus – ao facto de ter passado, nos seus últimos anos de vida, grande parte dos serões a acenar para os condutores que atravessavam as zonas principalmente de Picoas e do Saldanha em Lisboa. Muitos foram aqueles – anónimos e ilustres – que, aquando do seu falecimento, o quiseram homenagear, saudando os automobilistas a partir dos lugares onde era frequente encontra-lo. O senhor do adeus interessa-nos fundamentalmente por três razões.

A primeira remete para a reflexão sobre o facto do aceno, com ares de performance, ser um gesto artístico, apesar de nunca ter sido reivindicado enquanto tal. Podemos, deste modo, rotular o senhor do adeus de “artista sem obra” tal como o define Jean- Yves Jouannais, ou o aceno, efectuado repetidas vezes, de “obra sem artista”; uma obra erguida por assim dizer a despeito do seu executante. Mas é ainda possível pensar que estamos aqui, simultaneamente, face a um “artista sem obra” e uma “obra sem artista”. Ao verificar-se a hipótese, destacam-se os transeuntes enquanto público, consolidando, pela retribuição do aceno desta ou daquela maneira, o valor intrinsecamente artístico dum gesto à partida desprovido de tal ambição.

A segunda razão tem a ver com o facto do aceno, com enfoque na sua repetição e magreza essencial, remeter, por um lado, para gestos artísticos minimais, tais como as performances de Acconci ou Nauman, ou as obras “únicas” de Cadere ou Opalka – estas assentes em grande medida nas suas durabilidades –, e por outro, para ritos religiosos ou sacrificiais como a imolação, ou ainda para certos tipos de manifestação de cariz político como o *sit-in*, de onde se destaca um conjunto de posturas e gestos pacíficos, e por conseguinte polidos, inscrevendo-se no espaço público reescrevendo-o. No caso do senhor do adeus, a polidez do gesto cruza-se com a política do gesto; a mão que acena enceta a relação com o

NOTAS

[illegible]

LONGE DA VISTA, PERTO DO CORAÇÃO

ANA PAIS

Investigadora de pós-doutoramento em artes performativas
(Centro de Estudos de Teatro da FLUL / McGill University)

Transmissão tem sido o conceito utilizado por Vânia Rovisco, no projecto *Reacting to Time*, para descrever o objectivo e, simultaneamente, o processo de “passagem” de performances portuguesas dos anos 70 e 80 (Manoel Barbosa e António Olaio) para os dias e corpos de hoje. Esta passagem – de informação, experiência, memória, afectos - afecta os corpos que se deixam atravessar pela obra que, por sua vez, é re-afectada pelo fazer que a actualiza. Etimologicamente, transmitir significa tanto lançar (para o outro lado de) quanto deixar ir aquilo que é lançado. Por vezes, contudo, existem obstruções à acção do lançamento da obra e aos corpos que a accionam. Nesta comunicação, abordarei a obstrução como um elemento de proximidade relativamente ao coração da performance transmitida.

NOTAS



CORPOS LIMINAIS

SUSANA CHIOCCA

Doutoramento de Arte Contemporânea e Investigação, pela Facultad de Bellas Artes de Cuenca de la Universidad de Castilla-La Mancha (2016); Licenciatura em Artes Plásticas/Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1999)

Os corpos performativos são corpos políticos que repensam e reflectem a partir de si, provocando a reacção e o pensamento do público. Na história da performance portuguesa, uma história ainda por realizar, deparamo-nos com diversos exemplos desses corpos, nos quais o país é o centro da sua prática.

Tomando o conceito de *liminalidade* de Victor Turner, propõe-se a abordagem de três trabalhos nos quais a condição de ser-se português e da vivência em Portugal é explorada. António Olaio, Gustavo Supta e António Lago, são três artistas actuates com percursos singulares que produzem um enquadramento social e político através das suas acções.

Il faut danser, Portugal (1984) de António Olaio explora mediante uma situação patética a questão da performance em si, ou melhor, do que é considerado ser performance. Dez anos passados da revolução de Abril, mais que lamentar-se, Olaio incita-nos à acção num país ainda afastado do contexto internacional e com uma mentalidade bastante conservadora. Encontrávamo-nos a dois anos da adesão à comunidade económica europeia, cuja ilusão de aproximação social, política e cultural aos restantes países europeus, entre finais dos anos 80 a princípios dos 2000, começou a decair já em 2002-2003 com a crise interna que se aprofundou mais tarde com a crise internacional. Dessa forma, em 2007 *Ser artista em Portugal* continuava a ser, na visão de Supta, um esvaziar dos bolsos, um certo reconhecimento logrado pelo artista que economicamente não correspondia à sua posição. *Perdição* de António Lago de 2015 fala-nos de uma falência, da ruína, da decadência, o abandono ao qual chegou o país, espelhando a realidade actual.

As performances distam mais de 30 anos entre a primeira e a mais recente, não obstante podem-se estabelecer ligações e aproximações, sendo igualmente a possibilidade de contar a história do próprio país durante esse período.

[illegible]

METÁLOGO #4 – HISTÓRIAS & GEOGRAFIAS DA PERFORMANCE

ANA DINGER¹ E FERNANDA EUGÉNIO²

1) Investigadora na UCP - CECC

(2) Directora do AND Lab

Na série Metálogos, Fernanda Eugénio e Ana Dinger propõem, a cada vez, tratar uma questão diferente, a partir de uma conversa situada na materialidade mesma do problema. Fazer *com* conceitos. Se possível, fazer os próprios conceitos, performando (com eles) modos intensivos de pensar em relação. Aceitando o risco de serem os próprios conceitos a performar.

Segundo Gregory Bateson, que cunhou o termo, a operação do metálogo instala-se, propositadamente, num “assunto problemático”.

Na proposição desta série, cada Metálogo é construído em acto, permitindo, a cada edição, a emergência de um objecto singular: o procedimento repete-se, o programa recorre sem remontar. A questão a ser manuseada é extraída dos temas oferecidos pelo evento e a preparação ocupa-se, sobretudo, de criar as condições para o encontro sem pré-defini-lo. Esse trabalho preparatório consiste na escolha das ferramentas, dos materiais, dos formatos e interfaces que serão utilizados, além do mapeamento das vizinhanças do problema, através da recolha de referências numa base de dados comum.

Partindo da materialidade da(s) palavra(s), procura-se a activação do conceito sobretudo enquanto operação e não enquanto nome, significante ou categoria – o esforço é o de *apresentação* e não de *representação*, no sentido de superar, através do uso, tensões como estrutura/matéria ou forma/conteúdo. Adota-se um modo operativo perspectivista, que funciona mais por posição-com do que por composição. Percorre-se a paisagem do problema através de uma “táctica da dádiva”: nela e com ela, o problema acontece, isto é, dá-se, entre o receber e o retribuir de cada tomada de posição recíproca. Insiste-se no metálogo até que se tenha percorrido a questão proposta, reformulando-a, por desdobramento, numa outra ou mais questões.

Das edições anteriores constam Metálogo # 1 - os modos da situação (Atenas, Setembro de 2015), Metálogo # 2 - o artista etnógrafo & o

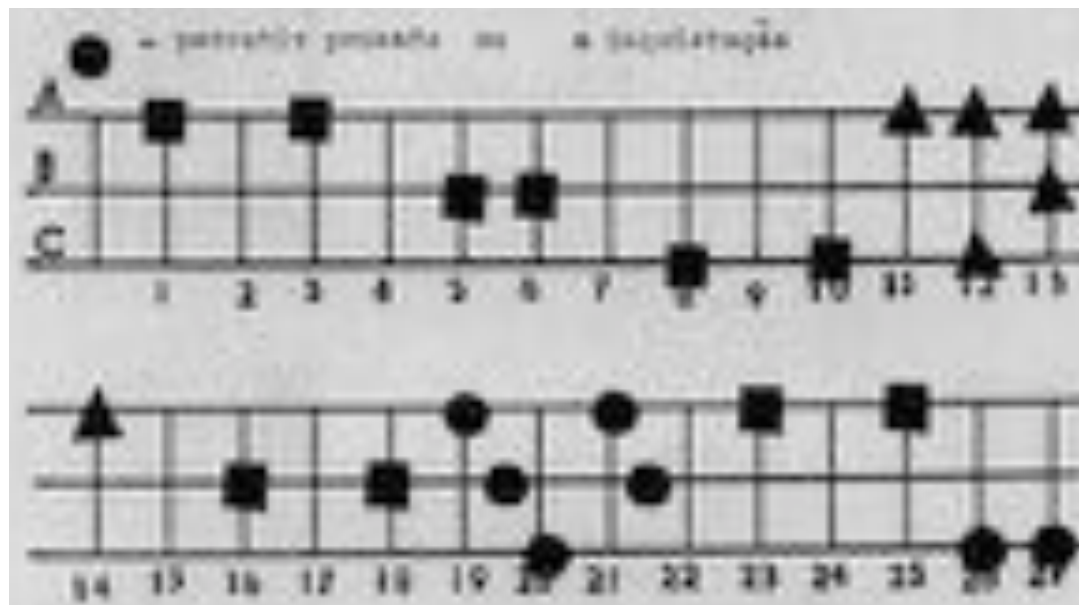
[illegible]

NOTAS

VÂNIA ROVISCO, MANOEL BARBOSA E ANTÓNIO OLAIO

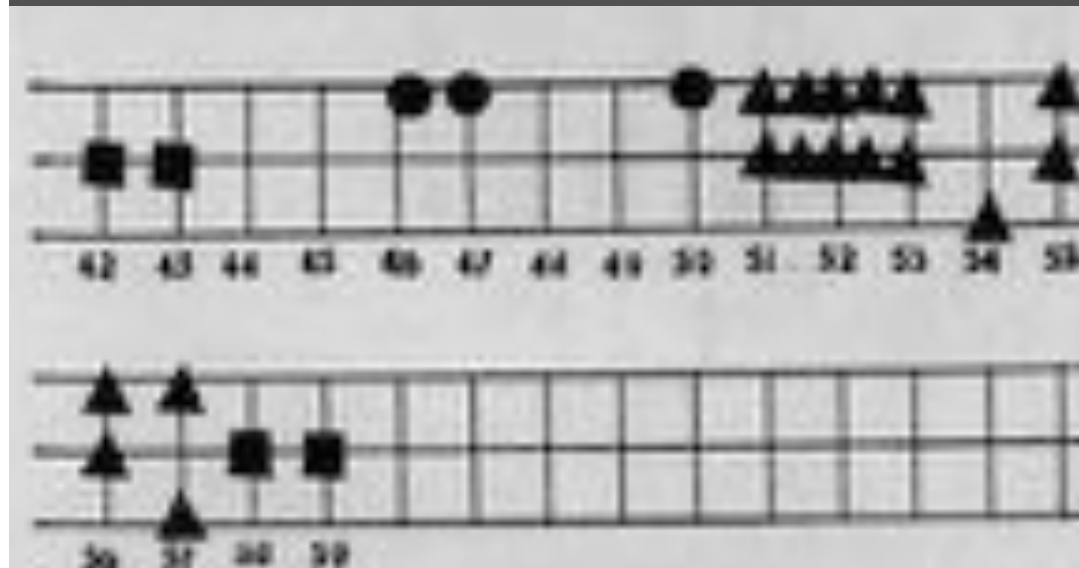
VÂNIA ROVISCO, MANOEL BARBOSA E ANTÓNIO OLAIO

[illegible]



BIOGRAFIAS

(POR ORDEM ALFABÉTICA)



ALEXANDRA DO CARMO

Alexandra do Carmo lives and works in Lisbon, currently doing a PhD in Artistic Studies at Universidade Nova de Lisboa. Studied at Whitney Museum Independent Study Program, NY; Pratt Institute, Brooklyn; ar.co, Lisbon. Exhibited widely in Portugal, United States, Germany, Spain, Ireland. Projects include: *Studio Socialis* (2014), Carlos Carvalho Gallery (CCG), Lisbon; *Everything was captured (even the movements of the goat)*, 2011, Quadrum Gallery, Lisbon; *Office/Commercial* (2008) CCG; *A Willow (Or without Godot)*, 2006, Irish Museum of Modern Art, Dublin. Collections include Irish Museum of Modern Art, Ilidio Pinho Foundation (Porto). Supporters: Gulbenkian Foundation; Luso-American Foundation; Institute of the Arts.

Her practice is focused on the studio as a conceptual field of study—the studio as a lens through which to investigate relations between artist and public, revealing the dynamics, conditions and limits of authorship.

Her main area of research is the autonomy of the artistic practice: investigating on social history, studio practice and collective memory.

ALBUQUERQUE MENDES

Albuquerque Mendes nasceu em Trancoso em 1953. Vive e Trabalha em Leça da Palmeira.

Frequentou o Circulo de Artes Plásticas de Coimbra. Das exposições individuais, selecionam-se: "Confesso", Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto em 2001. "Natureza e Crueldade", Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Brasil em 2005. Participou no I Symposium International d'Art Performance de Lyon, França em 1979. "Semaine d'Action", ARC - Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, em 1980.

ALEXANDRA LEITE

Desenvolve o seu trabalho como atriz e investigadora na área do cinema, teatro e da performance desde 1982. Em televisão trabalhou em produções portuguesas, francesas, britânicas e canadianas. Em teatro trabalha como atriz, encenadora e formadora em artes dramáticas e expressão teatral.

Interessa-se em particular pelo percurso e práticas da performance em Portugal, e pela sua programação artística, que acompanhou especialmente em Coimbra e Lisboa nos anos 80.

ANA BIGOTTE VIEIRA

Terminou recentemente o Doutoramento na Universidade NOVA de Lisboa, tendo sido *Visiting Scholar* em Performance Studies na NYU/Tisch School of the Arts entre 2009 e 2012. A sua investigação incide sobre o papel performativo dos Museus de Arte Moderna, centrando-se nas transformações culturais por que Portugal passa após a entrada na União Europeia – e o modo como estas encontram no corpo um terreno particular de expressão. Licenciou-se em História Moderna e Contemporânea no ISCTE, e desenvolveu estudos de pós graduação em Ciências da Comunicação/ Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias na Universidade NOVA de Lisboa, e em Estudos de Teatro na Universidade de Lisboa.

Investigadora do IFILNOVA, integra o grupo Cultura, Poder e Identidades do Instituto de História Contemporânea, onde co-organizou com Luís Trindade e Giulia Bonali o ciclo Quando Foram os Anos 80? e o grupo de Teoria e Estética das Artes Performativas Contemporâneas do Centro de Estudos de Teatro.

É co-fundadora da plataforma baldio | Estudos de Performance e dramaturgista em teatro e em dança. Integra a Associação BUALA, e, juntamente com Marta lança e José Nuno Matos, editou o número #1 da revista Jeux Sans Frontières. Com Sandra Lang (CH), com quem co-editou o número #2 da revista Jeux Sans Frontières tem organizado uma série de eventos discursivos e performativos em torno da relação entre arte e política. Traduziu vários autores, sobretudo de teatro e filosofia, como Mark Ravenhill, Luigi Pirandello, Anibal Ruccello, Giorgio Agamben e Maurizio Lazzarato. Recebeu um Dwigth Conquerood Award na Performance Studies international #17, Utrecht.

ANA DINGER

Ana Dinger é investigadora afiliada ao CECC, Centro de Estudos em Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa, onde

completou pós-graduação em Arte Contemporânea em 2011. Desde 2012 e na mesma Universidade, integra o programa de doutoramento em Estudos de Cultura (plataforma Lisbon Consortium). É como bolseira da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) que desenvolve a sua pesquisa, com enfoque nos modos de continuidade dos trabalhos artísticos ditos de cariz performativo, continuidade entendida como construção assente em processos metonímicos. Licenciada em Escultura e com formação em dança, iniciou, em 2015, colaboração com Fernanda Eugénio (Metalogue Series).

ANA PAIS

É investigadora de pós-doutoramento em artes performativas (Centro Estudos de Teatro / McGill University), dramaturgista e curadora. Em 2014, obteve o grau de doutoramento *summa cum laude* em Estudos de Teatro na Universidade de Lisboa sobre o tópico: “Comoção: os ritmos afectivos do acontecimento teatral”. Desde 2000, participa em colóquios nacionais e internacionais, tendo publicado vários artigos e um livro: *O Discurso da Cumplicidade. Dramaturgias Contemporâneas* (Edições Colibri), com prefácio de André Lepecki. Foi crítica de teatro entre 2003 e 2004 nos jornais *Público*, *Expresso* e *Sol* e membro do júri de várias edições do Prémio da Crítica da APCT. Entre 2005 e 2010, leccionou na Escola Superior de Teatro e Cinema. Como dramaturgista, colaborou com criadores de teatro e dança em Portugal (João Brites, Tiago Rodrigues, Rui Horta e Miguel Pereira). Co-concebeu, coordenou e produziu os seguintes eventos de curadoria discursiva: *Congerminações – Fertilizações entre teoria e a prática* (Lugar Comum, 2003-4), *Gerações – Encontros sobre criatividade e cultura* (em colaboração com António Loja Neves, Teatro S. Luiz, 2004), *Vanguardas – espaço ruminante* (em colaboração com Isabel Garcez, Teatro S. Luiz, 2005-6), *Indirecções Generativas - baldio* (em colaboração com Ana Bigotte Vieira e Ricardo Seíça Salgado, Espaço do Tempo, 2013), *Conversas Domésticas* (Festival *Temps d'Images*, 2013-14) e o ciclo de conferências *O Poder dos Afectos* (Culturgest, Fev. 2015).

ANA RITO

Desenvolve a sua actividade entre a prática artística, a investigação, a curadoria, e a docência.

Dos seus projectos curatoriais destacam-se as exposições: SHE IS A FEMME FATALE, Fundação de Arte Moderna e Contemporânea Museu Colecção Berardo, em 2009; OBSERVADORES – Revelações, Trânsitos e Distâncias, Fundação de Arte Moderna e Contemporânea Museu Colecção Berardo; CURATING THE DOMESTIC – Images@home, Trienal de Arquitectura de Lisboa, em 2013; A IMAGEM INCORPORADA/THE EMBODIED VISION – Performance para a câmara - Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado (MNAC), com co – curadoria de Jacinto Lageira, em 2014. Destaca-se ainda a sua participação na exposição colectiva Faccia Lei (2007), comissariada por Elena Agudio no Spazio Tetis, Arsenale (52ª Bienal de Veneza) e PUPPE PROJECT (2010), na Galeria MAM – Mario Mauroner Contemporary Art, Viena, comissariada por Fabrizio Plessi no âmbito do Festival Art&Film.

Mestre em Belas Artes (FBAUL), conclui o curso de Doutoramento (2016) na especialidade de vídeo-instalação, em torno da performatividade da imagem movente.

ANTÓNIO CONTADOR

Licenciado e mestre em sociologia pelo ISCTE, doutor em artes plásticas, estética e ciências da arte pela Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, investigador associado ao Instituto ACTE – UMR 8218 (Paris 1/CNRS), artista visual, curador, as suas realizações remetem essencialmente para a performance. Em termos científicos, os seus interesses atuais centram-se na noção de espera pura e simples, tal como fora definida e desenvolvida na tese de doutoramento, isto é a espera enquanto disponibilidade manifesta ou não do artista e do espectador em acolher pura e simplesmente a obra, sem a antecipar ou *prever*, e em acolher da mesma forma o outro pela obra. Noções “conexas” tais como o dom, o quietismo e o ágape, são também alvos de interesse e de trabalho.

ANTÓNIO OLAIO

Artista plástico, 1963, Lubango. Vive em Coimbra. Professor no Curso de Arquitectura e Director do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. A evolução do seu trabalho como performer levou-o à música. Na sua obra plástica (pintura, vídeo, música) a performance é o elemento aglutinador.

BEATRIZ ALBUQUERQUE

Beatriz Albuquerque é conhecida pelas suas práticas interdisciplinares entre a performance e cross media. Encontra-se neste momento a tirar o Doutoramento na Columbia University em Nova Iorque com uma Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e anteriormente com uma Bolsa da Fulbright. Concluiu a Licenciatura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2003 e o Master of Fine Arts no The School of the Art Institute of Chicago, em 2006. Foi galardoada com o Prémio Myers Art Prize: cross media, Columbia University, Nova Iorque (2014) assim como o Prémio Revelação pela 17a Bienal de Cerveira: Arte: Crise e Transformação, Portugal (2013) e o Prémio de Performance Ambient Series, PAC/edge Performance Festival, Chicago (2005). É autora dos livros *Art + Internet + Performance = beginning of the 90s* e *Video Games + Glitch = Learning: Video Games Vs. Teachers*. www.beatrizalbuquerque.web.pt

BRUNO MARQUES

Bruno Marques (1975, Huambo, Angola) is a Post-doctoral Fellow at the Instituto de História da Arte, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal. His research project, financed by FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, focuses on gender and sexual politics in Portuguese contemporary art (photography, film and performance) [RH/BPD/93234/2013]. He currently coordinates the research line "Photography and Film Studies", associated to the Contemporary Art Studies Group (CASt) at the Instituto de História da Arte – Universidade NOVA de Lisboa. Ph.D. in Contemporary Art History by FCSH/UNL. Fellow researcher by the FCT during Master degree (2002-2003) and PhD (2005-2009). Lecturer at FCSH / UNL (Dept. of History of Art and Art Summer School) – 2008-2013. Team member of the PhD program in Art Studies/FCSH (coord. by João Mário Grilo). Lecturer of

Art History, Cultural Heritage and Museology at the ISCE (2010-2015). Lecture at ESAD.CR (2014). Integrated member of the Scientific Committee of the History of Art Institute/UNL. Curated several exhibitions, and was the winner of the New Initiative Curators in 2008. Is the author of *Mulheres do Século XVIII. Os Retratos* (Women of the Eighteenth Century. The Portraits) (2006). He is coordinator of the books *Sobre Julião Sarmento* (On Julião Sarmento) (Quetzal, 2012) and *Arte & Erotismo* (Art & Eroticism) (EAC/IH -UNL, 2012, with Margarida Acciaiuoli). Co-organized the international symposium *Arte & Erotismo* (FCSH-UNL, 2012) and the conference *Arte.Crítica.Política* (Art.Criticism.Politics) (Goethe-Institut, Lisboa / FCSH-UNL, 2014). Is the author of several texts on contemporary art exhibition catalogs, in specialized journals and academic books on artists such as Julião Sarmento, Pedro Cabrita Reis, Lourdes Castro, Vasco Araújo or Costa Pinheiro.

CLÁUDIA GIANNETTI

Teórica, escritora, professora e curadora. Doutora em História da Arte pela Universidade de Barcelona, especialista em arte e estética contemporâneas, *media art* e em arte, ciência e tecnologia. Nos últimos 18 anos, foi diretora de museus e instituições culturais na Espanha (MECAD Media Center for Art & Design, Barcelona), Alemanha (Edith Russ Haus for Media Art, Oldenburg) e Portugal (Fórum Eugénio de Almeida). Como curadora, concebeu e organizou inúmeras exposições internacionais, entre outros, no Centre George Pompidou, Paris; Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid; CaixaForum, Barcelona; Centro Nacional de las Artes, México DF; ZKM | Center for Art and Media de Karlsruhe, Alemanha; MEIAC Badajoz; Edith-Russ-Haus for Media Art, Oldenburg; Fórum Eugénio de Almeida, Évora; VI Mostra 3M de Arte Digital, Rio de Janeiro.

Membro de inúmeros júris de importantes prêmios internacionais em vários países. Consultora de instituições internacionais, como o Swiss Federal Information Society Strategy, Suíça; UNESCO, Paris; Beijing International New Media Arts, China; Re-New Festival, Copenhagen, entre outras.

Professora em universidades na Espanha e em Portugal, e professora convidada em mais de trinta universidades de vários países. Pronunciou mais de uma centena de conferencias em diversos países da Europa e

América Latina, bem como nos Estados Unidos, Canadá, China e Índia. Conta com mais de 140 artigos e ensaios publicados e vários livros, entre os quais se destacam *Ars Telematica – Telecomunicação, Internet e Ciberespaço* (Lisboa, 1998); *Estética Digital – Sintopia da arte, ciência e tecnologia* (Barcelona, 2002; Lisboa, 2012); *AnArchives – A Minimal Encyclopedia on Archaeology and Variantology of the Arts and Media* (Oldenburg, 2014).

CLÁUDIA MADEIRA

Cláudia Madeira (1972) é Professora Auxiliar da FCSH/NOVA onde dá aulas no Departamento de Ciências da Comunicação de "Teorias do Drama e do Espetáculo", "Métodos Quantitativos" (ambas na licenciatura), "Metamorfoses do Espetáculo", "Programação de Artes Cénicas" "História do Espetáculo Mediático" (nos Mestrados de Comunicação e Artes e Artes Cénicas). É também Investigadora Integrada no IFILNOVA, desenvolvendo investigação no Laboratório de Estética e Filosofia das Práticas Artísticas, e integra a equipa do iNova Media Lab: Laboratório de Criação Digital. Desenvolveu o seu projeto de pós-doutoramento, intitulado "Arte Social. Arte Performativa?", no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Set 2009-2012) e doutorou-se em Sociologia com a tese "O Hibridismo nas Artes Performativas em Portugal" (2007), na qual iniciou uma investigação sobre Arte da Performance em Portugal. Dessa tese já resultou a publicação "Híbrido. Do Mito ao Paradigma Invasor?" (Mundos Sociais, 2010) e a preparação de um livro constituído por duas partes: Laboratórios das artes híbridas em Portugal: parte I – Plataforma visíveis: as programações laboratoriais e os laboratórios artísticos; parte II – A Arte da Performance em Portugal (no prelo, 2016). É ainda autora de "Os Programadores Culturais: Novos Notáveis (CELTA, 2002)" e de vários artigos sobre performance e novos hibridismos nas artes.

DANIELA SALAZAR

Daniela Salazar (1988) licenciada em História e com Mestrado em Museologia pela Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, cuja dissertação se intitula A Performance e o Espaço Museológico – Museus de Artes Performativas. Neste momento é

doutoranda e bolsista FCT da mesma faculdade, no doutoramento de Estudos Artísticos. O seu projecto – Performatividades em Exposição: encontros e desencontro entre performance artística e contexto curatorial -, versa a relação entre os museus de artes performativas e o processo de produção de memórias provenientes da prática destas manifestações artísticas bem como a deslocação do conceito de performatividade entre estas instituições e os museus de arte contemporânea. Foi programadora do Museu Sumol (2013-2014) e investigadora da Associação para o Estudo do Teatro em Portugal (2012), coordenado pelo Prof. José Oliveira Barata e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

E. M. DE MELO E CASTRO

Praticante e teórico da Poesia Experimental Portuguesa nos anos 60, introdutor em Portugal da Poesia Concreta (*IDEOGRAMAS*, 1962) é considerado pioneiro da videopoesia (*RODA LUME*, 1968). Entre 1985 e 1989 desenvolveu na Universidade Aberta de Lisboa um projeto de investigação e criação de videopoesia denominado *SIGNAGENS* que teve continuação no seu próprio estúdio (série de videopoemas *Sonhos de Geometria- 1993*) e no *Estúdio Grande Som* – Lisboa (série de videopoemas *fractopoemas 2005*).

Em 2006 realizou uma grande exposição retrospectiva denominada *O CAMINHO DO LEVE*, no Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, no Porto, Portugal, da qual se fez um livro catálogo.

Desde os anos 60 do século XX até 2016 realizou numerosas exposições do seu trabalho de poesia visual em vários países da Europa, no México e no Brasil.

FERNANDA EUGÉNIO

Fernanda Eugénio é antropóloga, multiartista e trabalha com escrita, performance, proposições urbanas, vídeo e fotografia. Nos últimos 15 anos, derivou do enquadramento académico estrito para a pesquisa singular dos usos artístico-políticos-situados da etnografia, praticada enquanto ferramenta circunscritiva-performativa do encontro. Atualmente é diretora do AND Lab (sede Lisboa + grupos em diferentes países). Colabora com diversos artistas e colectivos, dentre eles: Gustavo Ciriaco (*Site-Specific Practices*), Ana Dinger (*Metatalogue Series*), Baldio

Performance Studies, RIA-Rede Investigação Artística, Observatório das Transformações de Lisboa etc. Suas práticas artísticas e teóricas têm circulado por diferentes cidades na América do Sul, EUA, Europa e Ásia.

FERNANDO AGUIAR

Nasceu em Lisboa (1956). Publicou 30 livros de poesia, performance, infantis e antologias de poesia visual em Portugal, Espanha, Alemanha, Itália, Irlanda, Canadá, U.S.A., Inglaterra e no Brasil. Realizou 46 exposições individuais e participou em numerosas exposições coletivas. Participou em 120 Festivais Internacionais de Performance e de Poesia, e realizou cerca de 230 performances em 26 países. Para além de ter organizado inúmeras exposições de Poesia Experimental e documentais sobre Performance em Portugal, França, Itália e no Brasil, no âmbito da *Performance-Art* organizou ainda: Perform'Arte – I Encontro Nacional de Performance (com Manoel Barbosa), Torres Vedras, 1985; Revista DOC(K)S Nº 80/86 (dedicada a Portugal), Ventabren, França, 1987; 1º Festival Internacional de Poesia Viva, Figueira da Foz, 1987; Ciclo Poesia Viva (Casa de Serralves) Porto, 1987; II Encontro Nacional de Intervenção e Performance, Amadora, 1988; Acções Urbanas, Lisboa, 1992/1993/1994; Ciclo de Performances no III Simpósio Internacional de Escultura em Ferro, Amadora, 1996; Acções & Performances, Lisboa, 1997/1998; Art Action 1958-1998 (capítulo dedicado a Portugal), Inter Editeur, Quêbec, Canadá, 2001; Ciclo Internacional de Performance do 2º Encontro de Arte Global (Panteão Nacional), 2008. Está representado em diversas coleções públicas e privadas, entre as quais: Fundação de Serralves, Museo Vostell Malpartida, Millenium BCP, Fondazione Berardelli (Brescia), National Center of Contemporary Art (Kaliningrad), Archivio Francesco Conz (Verona), Bibliotheca Alexandrina (Egipto) e Fundação Cupertino de Miranda. Faz parte do comité internacional de redação das revistas DOCK(S) (França) e Inter Art-Actuel (Canadá).

FERNANDO MATOS DE OLIVEIRA

Professor Auxiliar no Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde integra a 'Secção de Artes'. Tem lecionado sobretudo no Curso de Estudos Artísticos, sendo atualmente coordenador do Doutoramento em

Estudos Artísticos. É membro integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX (CEIS20). Principais áreas de interesse: Teorias do Teatro e da Performatividade; Estudos Teatrais e Performativos; Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. É Diretor do Teatro Académico de Gil Vicente (2011-), coordena o Centro de Dramaturgia Contemporânea (2012-) e a coleção a coleção Dramaturgia da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Tem publicado ensaios sobre teatro, performance, narrativa e poesia. É autor de *O Destino da Mimese e a Voz do Palco: O Teatro Português Moderno* (Angelus Novus, 1997), *Teatralidades. 12 Percursos pelo Território do Espectáculo* (Angelus Novus, 2003) e de *Poesia e Metromania. Inscrições Setecentistas (1750-1820)* (Diss. Doutoramento, 2008). Organizou e editou a *Antologia Poética* (Angelus Novus, 1998) e os *Escritos sobre Teatro* (Cotovia, 2001) de António Pedro, poeta associado ao surrealismo em Portugal e à fundação do Teatro Experimental do Porto (1953). Coordenou o Nº 4 da revista *Sinais de Cena* e, juntamente com Maria Helena Santana, dois volumes de ensaios sobre a cultura melodramática na época moderna e contemporânea, projecto que decorreu no âmbito do Centro de Literatura Portuguesa da FLUC (*O Melodrama I*, Centro de Literatura Portuguesa, 1996). Coordena presentemente o projeto *Conceitos e Dispositivos de Criação em Artes Performativas* (apoios DGArtes, TAGV e CEIS20, 2015-16).

FILIPA CÉSAR

Filipa César é artista e cineaste, residente em Berlim. Interessa-se por fronteiras porosas, entre a imagem em movimento e a sua recepção, as dimensões ficcionais do documentário e das economias, políticas e poéticas inerentes à praxis do cinema. O seu trabalho utiliza a media como meio de expor contra narrativas da resistência. Desde 2011, Filipa César tem vindo a investigar as origens do cinema na Guiné-Bissau, os seus imaginários e potências, desenvolvendo esta investigação no projecto colectivo *Luta ca caba inda* (a luta ainda não terminou). É doutoranda em Estudos Artísticos na FCSH-UNL, Lisboa. Participa nos projectos de investigação *Living Archive* (2011-13) and *Visionary Archive* (2013-15, ambos organizads pela Arsenal - Institute for Film and Video Art, Berlin. Seleccionada nos festivais: Kurzfilmtage Oberhausen, 2013-16; Curtas Vila do Conde, 2012-2015; Forum Expanded - Berlinale, 2013-2016;

IFFR, Rotterdam, 2010, 2013 and 2015; Indie Lisboa, 2010; DocLisboa, 2011. Exposições e Screenings: 8th Istanbul Biennial, 2003; Serralves Museum, Porto, 2005; Tate Modern, London, 2007; SFMOMA, 2009; 29th São Paulo Biennial, 2010; Manifesta 8, Cartagena, 2010, Haus der Kulturen der Welt, Berlin, 2011-2015; Jeu de Paume, Paris, 2012; Kunstwerke, Berlin, 2013; Festival Meeting Points 7, 2013-14; NBK, Berlin, 2014; Hordaland Art Center, Bergen, 2014; SAAVY Contemporary, Berlin 2014-15, Futura, Prague 2015; Khiasma, Paris 2011, 2013 and 2015; Tensta konsthall, 2015.

FILOMENA SERRA

Filomena Serra, foi bolsreira da FCT e doutorou-se em História da Arte Contemporânea. Foi Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia da FCT. É investigadora integrada do Instituto de História da Arte - Estudos de Arte Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Nessa faculdade tem sido professora conferencista lecionando no âmbito do Curso de Doutoramento em História da Arte Contemporânea e na pós-graduação de Jardins e Paisagem.

Na qualidade de investigadora, publicou na colecção *Caminhos da Arte Portuguesa* da Editora Caminho e tem publicado artigos em revistas, sobretudo sobre o modernismo português. Recentemente participou no livro comemorativo do ano de *Orpheu*, organizado por Steffen Dix, *1915 o ano do Orpheu* (Tinta da China, 2015). É Investigadora responsável do projecto FCT/PTDC/CPC-HAT/4533/2014 "Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)".

FREDERICO DINIS

Investigador e artista, nascido em Coimbra, que utiliza meios sonoros e visuais.

Desenvolve o seu trabalho recorrendo a diferentes formatos, tais como: performance, instalação, teatro, fotografia, rádio, vídeo, gravações sonoras e obras musicais.

Atualmente encontra-se a desenvolver a sua linguagem com o objetivo de promover processos audiovisuais inovadores e explorar as relações e

diálogos entre som e imagem no Doutoramento em Estudos Artísticos da Universidade de Coimbra, especialidade de Estudos Teatrais e Performativos.

É investigador colaborador do CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. Como investigador, os seus projetos de criação relacionam-se com lugares específicos, explorando ao longo do processo de investigação e de criação a intersecção entre a arte, a identidade e o espaço, procurando refletir sobre a importância do contexto local e do sentido de lugar, tendo como ponto de partida a interação com os lugares e a apropriação de memórias e discursos.

HÉLIA MARÇAL

Hélia Marçal (1988) completou o Mestrado em Conservação e Restauro na Universidade Nova de Lisboa em 2012 com a dissertação *Embracing transience and subjectivity in the conservation of complex contemporary artworks: contributions from ethnographic and psychological paradigms*. Neste momento doutoranda na mesma Universidade (com o projeto financiado pela FCT), onde estuda a preservação de obras de performance arte portuguesas, focando-se na análise crítica de estratégias de documentação e no estudo dos processos de tomada de decisão na conservação destas obras. Através deste projecto, que procura estudar estratégias de documentação e mediação de obras de arte da performance portuguesas, nas quais se incluem obras de artistas como Ernesto de Sousa, Vasco Araújo, João Vieira, Carlos Nogueira, Elisabete Mileu, Manoel Barbosa, Francisco Tropa, Ana Borralho & João Galante, Musa Paradisiaca, entre outros. No âmbito desta investigação, tem publicado diversos artigos, realizado comunicações e organizado eventos (Para mais detalhes sobre as **publicações** consultar: <http://sites.fct.unl.pt/doutoramento-conservacao-restauro-patrimonio/pages/helia-marcal-1>). Juntamente com este trabalho, tem acumulado desde o final 2014 a função de Assistente de Coordenação do Grupo de Trabalho em Teoria e História do ICOM-CC (International Council of Museums – Committee for Conservation).

ISABEL NOGUEIRA

Isabel Nogueira (n. 1974) é doutorada em Belas-Artes, área de especialização em Ciências e Teorias da Arte (Universidade de Lisboa) e pós-doutorada em História da Arte Contemporânea e Teoria da Imagem (Universidade de Coimbra e Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne). É professora auxiliar convidada na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e na Sociedade Nacional de Belas-Artes. É crítica de arte na revista "Contemporânea" e autor correspondente da revista "Recherches en Esthétique". É investigadora integrada do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX/Universidade de Coimbra, colaboradora do CIEBA e do Institut Æsthetica: Art et Philosophie/Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA-Portugal). No domínio do ensaio, publicou as seguintes monografias: *Do pós-modernismo à exposição Alternativa Zero* (Nova Vega, 2007); *Alternativa Zero (1977): o reafirmar da possibilidade de criação* (CEIS20/Universidade de Coimbra, 2008); *Teoria da arte no século XX: modernismo, vanguarda, neovanguarda, pós-modernismo* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012; 2.ª ed. 2014); *Théorie de l'art au XX^e siècle: modernisme, avant-garde, néo-avant-garde, postmodernisme* (Éditions L'Harmattan, 2013); *Artes plásticas e crítica em Portugal nos anos 70 e 80: vanguarda e pós-modernismo* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013; 2.ª ed. 2015); *Modernidade avulso: escritos sobre arte*, Edições A Ronda da Noite, 2014; *A imagem no enquadramento do desejo: transitividade em pintura, fotografia e cinema* (E-Primatur, 2016).

JOÃO GARCIA MIGUEL

Artista Visual, Director, Performer, Professor e Investigador, inicia nos anos 80 um percurso interdisciplinar. Fundador dos colectivos artísticos: Canibalismo Cósmico, Galeria Zé dos Bois e OLHO - Grupo de Teatro. Em 2003 funda a Cia. JGM e percurso como *artista-investigador*. Abre em Lisboa, o "*Espaço do Urso e dos Anjos*" dedicado à formação e divulgação das artes performativas. Em 2008 é nomeado Director Artístico do Teatro-Cine de Torres Vedras. É associado do centro de internacional de formação avançada Actor's Center em Itália. Está a terminar Doutoramento na FBAUL - com o título Dispositivos Artísticos -

Performance, Corpo e Inconsciente. É licenciado em Pintura pela FBAUL e Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação pelo ISCTE.

Em 2008 recebe Prémio FAD Sebastià Gasch em Espanha. Em 2014 recebe prémio para a melhor encenação teatral com o espectáculo Yerma de Federico Garcia Lorca pela SPA - Sociedade Portuguesa de Autores. Tem apresentado o seu trabalho e dado formação em África, América Latina, Ásia e Europa.

JORGE LOURAÇO

Jorge Louraço escreveu Cassandra de Balaclava, Xmas qd Kiseres e O Espantalho Teso, entre outros textos. Formado em relações internacionais e em antropologia social, fez a Oficina de Escrita Teatral de Antonio Mercado no TNSJ, o Seminário Traverse Theatre nos Artistas Unidos, a Residência Internacional do Royal Court Theatre e o Seminário de Escrita Teatral de J. S. Sinisterra no Teatro Nacional Dona Maria II. Foi dramaturgo residente no Teatrão, onde dirigiu o espectáculo Conta-me Como É, com textos de Jorge Palinhos, Sandra Pinheiro e Pedro Marques. É docente da ESMAE, crítico do Público e doutorando (com bolsa da FCT) em estudos artísticos, na Univ. de Coimbra. No Brasil, trabalhou com os encenadores Marco Antonio Rodrigues, Cibele Forjaz e Marcelo Lazzarato e publicou Verás que Tudo É Verdade, sobre o grupo Folias (SP).

JOSÉ ALBERTO FERREIRA

Docente no Departamento de Artes Cénicas da Escola de Artes da Universidade de Évora, onde lecciona disciplinas da área da história do teatro. Enquanto colaborador do Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora, integra vários grupos de investigação na área do teatro. Concluiu a sua tese de doutoramento na Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), com título Entre presença e mediatização. Documentação e arquivo nas artes performativas (aguarda provas públicas). Tem colaboração dispersa em vários jornais e revistas, nacionais e internacionais. Publicou **Uma discreta invenção** (2004), sobre Gil Vicente, **Por dar-nos perdão** (2006), sobre teatro medieval e **Da vida das marionetas. Ensaios sobre os Bonecos de Santo Aleixo** (2015). Co-

editou vários títulos, de que destaca a edição dos textos dos Bonecos de Santo Aleixo: **Autos, Passos e Bailinhos** (2007).

Colabora com várias organizações de formação, festivais e instituições na área da programação artística e cultural. Fundou e dirigiu o Festival Escrita na Paisagem (2004-2012), no âmbito do qual programou inúmeros projectos e criações de artistas nacionais e internacionais. Foi o curador português do projecto INTERsection: intimacy and spectacle, integrado na Quadrienal de Praga 2011. É o curador dos Ciclos de São Vicente desde 2011.

MANOEL BARBOSA

Nasceu em 1953, Rio Maior, Portugal. Reside e trabalha em Lisboa, e (desde 2004) temporariamente em NYC e em Como. Actividade: pintura, performance art, instalação, vídeo art. No início da década de 1970, foi um dos precursores, em Portugal, da performance art, instalação e vídeo art. Membro Artistas da UNESCO. Atribuído o seu nome a uma praça em Rio Maior. Co-organizador do I e II Festival Internacional de Arte Viva, Almada; Organizou Esquiss'Art-Mostra Internacional do Esquisso/Projecto para Performance, Instalação, Vídeo Art ; Concebeu e co-dirigiu Perform'Arte-I Encontro Nacional de Performance, Torres Vedras. Apresentou conferências e comunicações sobre artes performativas no Pallazo dei Diamanti, Ferrara ; Universitat de Barcelona ; Universidade de São Paulo ; Universidad A. Valência ; ACARTE / F.C. Gulbenkian, Lisboa ; 5ème Symposium International d'Art Performance de Lyon ; Out of Actions / Between Performance and the Object 1949-1979, Museu d'Art Contemporani de Barcelona ; Faculdade de Belas Artes-Universidade do Porto ; Faculdade de Belas Artes-Universidade de Lisboa ; Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo ; Faculdade de Letras-U. Coimbra / LINE UP ACTION-Festival Int. de Artes da Performance, Coimbra. Dirigiu workshops performativos em Brasil, Croácia, Espanha, França, Holanda, Irlanda, Itália, Portugal. Representado em mostras antológicas sobre performance e body art. Colecções públicas e privadas sobre arte conceptual, pintura, vídeo art, instalação Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Holanda, Israel, Itália, Japão, Jugoslávia, Noruega, Portugal, Rússia, Suécia, Suíça, USA, Venezuela.

MANOEL BOTELHO

Nasceu em Lisboa em 1950. É Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Vive e trabalha em S. Pedro do Estoril. Licenciatura em Arquitetura, Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1968-1976). Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian na Byam Shaw School of Art, Londres, entre 1983 e 1985. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian na Slade School of Fine Art, Londres, entre 1985 e 1987 (Higher Diploma in Fine Art). Doutoramento em Belas Artes / Pintura, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2006. Participou em múltiplas mostras coletivas. Entre as suas exposições individuais podem destacar-se as seguintes: Fundação Calouste Gulbenkian (1986; 1994); Museu Nacional de Arte Antiga (2000); Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (2005); Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2008); Fundação EDP (2008); Centro Cultural de Lagos (2005, 2009); Fundação PLMJ (2012); Pavilhão Preto, Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa (2014); Galeria do Parque, Vila Nova da Barquinha (2014-15); e ainda nas galerias Módulo (Lisboa e Porto), Flowers East (Londres), Miguel Nabinho (Lisboa), Fernando Santos (Porto), João Esteves de Oliveira (Lisboa), Gomes Alves (Guimarães), etc.

Está representado em diversas coleções públicas e privadas, podendo destacar-se as seguintes: Culturgest, Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Fundação EDP, Lisboa; Fundação PLMJ, Lisboa; Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Coleção António Cachola, Elvas; Millennium BCP.

MARIANA BRANDÃO

Mariana Viterbo Brandão nasceu em 1976 no Porto. Formada em Dança, licenciada e mestre em História da Arte. Foi durante 12 anos professora de Dança e História da Dança. Colaboradora do Serviço Educativo do Museu de Serralves de 1999 a 2011, onde desenvolveu actividade como coordenadora de seminários e oficinas, produção de conteúdos, formação de monitores e visitas. Pertenceu à equipa que implementou e geriu o Inov-Art, programa de bolsas internacionais administrado pela Direcção-Geral das Artes. É docente universitária na área de Performance e História da Dança. Foi desde 2011 bolseira de Doutoramento da Fundação Ciência

e Tecnologia, tendo recentemente concluído na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa uma tese intitulada *Passos em Volta: Dança versus Performance – Um cenário conceptual e artístico para o contexto português*. Investigadora associada do CIEBA, F.B.A.U.L.

PAULO FILIPE MONTEIRO

Professor Catedrático em “Comunicação, Artes e Cultura” do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. Fundador e Coordenador do Mestrado em Artes Cénicas; Coordenador da variante de Comunicação e Artes do Doutoramento em Ciências da Comunicação, na mesma Universidade. Atua nas seguintes áreas de investigação: drama, espectáculo, performance, cinema, cinema português, escrita para cinema e televisão, ficção e estética. É doutor em Ciências da Comunicação e agregado em Teorias do Drama e do Espectáculo. Foi professor convidado nas Universidades de Coimbra, Évora, Santiago de Compostela, Federal da Bahia, Federal do Maranhão, Estadual e Federal do Rio de Janeiro. Foi presidente da Associação Portuguesa de Argumentistas e Dramaturgos (2002-2006) e Fundador e Membro da Direcção da Federation of Scriptwriters in Europe (2005). Obteve o Prémio Joaquim de Carvalho para o livro "Drama e Comunicação" (posteriormente editado no Brasil pela Annablume) e o Prémio Revelação da Crítica de Teatro em 1981.

Iniciou actividade no teatro em 1978. Em 1981, ganhou o Prémio Revelação da Crítica, com o espectáculo *Drama em Gente*. Fez, desde então, a dramaturgia e encenação de 16 espectáculos. Como actor, participou ainda em várias peças, em dez longas-metragens portuguesas e estrangeiras e em 39 telefilmes e séries de televisão. Escreveu a adaptação da novela de Camilo *A Viúva do Enforcado*, realizada por Walter Avancini. Escreveu sete longas-metragens. Escreveu a peça de teatro *Área de Risco*, estreada em 1999 na Fundação Gulbenkian. Tem feito dramaturgia para espectáculos de dança. Realizou o filme de 25 minutos *Amor Cego* e tem em finalização a sua primeira longa-metragem, *Zeus*.

PAULO MENDES

Artista plástico de formação, comissário de exposições e produtor de projectos culturais.

Desde o início da década de 90 e ao longo de vinte e cinco anos de trabalho, participou em aproximadamente trezentos projectos expositivos e performativos, tendo comissariado e produzido mais de setenta exposições, independentes e institucionais, que marcaram o desenvolvimento do trabalho de uma nova geração de criadores e lhe proporcionaram um extenso conhecimento das práticas artísticas em Portugal.

Para além do carácter performativo de alguns dos seus projectos e das suas exposições-instalações apresentou no âmbito da programação do Porto 2001 a instalação / performance COPY.PASTE (concepção conjunta com João Galante) e em 2002 a performance ON-OFF (projecto conjunto com António Olaio) concebida para os Encontros Imediatos no âmbito da programação das Danças na Cidade em Lisboa. Ainda com António Olaio em 2004 concebeu e interpretou a performance KEN I BE MATISSE? Apresentada no Grande Auditório do Museu de Arte Contemporânea de Serralves a convite do Teatro Nacional de S. João/TECA no âmbito da programação Serralves em Festa que comemorou o quinto aniversário da abertura do Museu.

Colaborou com vários eventos relacionados com a performance tendo integrado em 2011 o ciclo de performances Obras para Corpos Revistos e Actualizados, comissariado por Joclécio Azevedo para o NEC Núcleo de Experimentação Coreográfica.

O trabalho performativo é também por vezes usado indirectamente em suportes fotográficos ou na realização de vídeo-instalações como as que realizou com os coreógrafos Miguel Pereira e Tânia Carvalho.

Em 2011 participou no TRAMA Festival de Artes Performativas, com organização da Fundação de Serralves e do Brrr Festival de Live Art, onde apresentou quatro performances da série S de Saudade. A performance continua a ter uma importante presença no seu processo de trabalho, nomeadamente e mais recentemente através da figura do Senhor S, elemento determinante no desenvolvimento da série de trabalhos sobre o período do Estado Novo – S de Saudade.

PAULO RAPOSO

Lisboa, 1963

URL: <https://performanceandme.wordpress.com/>

CV institucional: <https://ciencia.iscte-iul.pt/public/person/pjpr>

É doutorado em Antropologia, Diretor de Licenciatura em Antropologia e Professor no Departamento de Antropologia do ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa). Foi Prof. Convidado da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e Prof. Visitante no Brasil na UFSC e na UFF. Foi membro da Direcção da Associação Portuguesa de Antropologia (APA) e fundador do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) onde se integra actualmente como pesquisador. Coordenou e é membro do Laboratório de Culturas Visuais do ISCTE-IUL. Fez parte da Comissão Editorial da revista *Etnográfica* (2000-2009). Realizou várias investigações em Portugal, Espanha e Brasil trabalhando sobre temáticas como o corpo, ritual e performance, património e turismo, antropologia visual e, no presente, na área dos movimentos sociais, espaço público e performances políticas. É autor de vários artigos, livros e capítulos publicados em Portugal e no estrangeiro. Recentemente publicou o livro *Por detrás da Máscara. Ensaio em Antropologia da Performance*, (2011, ICM, Lisboa) e é co-autor do livro colectivo *A Terra do Não-lugar. Diálogos entre performance e antropologia* (2014, EdUFSC, Brasil) que resultou de uma curadoria a um Encontro Internacional *No performance's Land?* (2011). Colabora com diversas estruturas artísticas em Portugal, sobretudo no campo das artes performativas e é um dos coordenadores dos Seminários Nómadas em Estudos da Performance. Tem estado ligado também como ativista a vários coletivos e plataformas de atuação política em Portugal, no quadro dos novíssimos movimentos sociais.

PEDRO BARATEIRO

Pedro Barateiro (Almada, 1979) vive e trabalha em Lisboa. Exposições individuais no Museu Colecção Berardo, Kettle's Yard, Parkour, Kunsthalle Lissabon, Kunsthalle Basel, Casa de Serralves - Museu de Arte Contemporânea de Serralves, MARCO - Museo de Arte Contemporânea de Vigo, Pavilhão Branco - Museu da Cidade, Spike Island e Salão Olímpico entre outras. Participou em exposições colectivas no ngbk, MHKA, SESC Pompéia, Crac Alsace, Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian, ar/ge Kunst, Le Plateaux – Frac Île-de-France, Palais de Tokyo, 29ª Bienal de São Paulo, 16ª Bienal de Sidney, 5ª Bienal de Berlin. As suas performances foram apresentadas no g8Weeks em Beirute, no Théâtre de la Ville, na L'école nationale supérieure des beaux-arts (ENSBA) e na Fondation Ricard em Paris, no Teatro São Luiz e Teatro

Praga em Lisboa, no Centro Cultural São Paulo e na Galeria Vermelho em São Paulo.

PEDRO LAPA

Pedro Lapa é diretor artístico do Museu Coleção Berardo e professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi durante 11 anos diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado e de 2004 a 2008 curador da Ellipse Foundation. Entre 2008 e 2010 foi também professor convidado da Escola das Artes da Universidade Católica de Lisboa. É doutorado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Comissariou muitas exposições em todo o mundo, das quais se destacam as retrospectivas de *Amadeo de Souza-Cardoso* (Museu Pushkin, Moscovo), *Picabia* (CCB, Lisboa), *James Coleman* (MNAC- MC, Lisboa), *Stan Douglas*, *Interregnum* (Museu Coleção Berardo, Lisboa) ou as coletivas *More Works About Buildings and Food* (Hangar K7, Oeiras), *Disseminações* (Culturgest, Lisboa), *Cinco Pintores da Modernidade Portuguesa* (Fundació Caixa Catalunya, Barcelona; Museu de Arte Moderna, São Paulo). Em 2001 foi o curador da representação portuguesa à Bienal de Veneza.

Foi co-autor do primeiro *catálogo raisonné* realizado em Portugal, dedicado à obra de Joaquim Rodrigo e é autor de mais de 30 publicações individuais sobre arte moderna e contemporânea, portuguesa e internacional. O Grémio Literário atribuiu-lhe o Grande Prémio de 2008 e o Ministro da Cultura de França, Frédéric Mitterrand, concedeu-lhe a distinção de Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres, em 2010.

RITA CASTRO NEVES

Acabou o Curso Avançado de Fotografia do Ar.Co (Lisboa) em 1995 e o Master in Fine Art da Slade School of Fine Art (Londres) em 1998, tendo desde então exposto regularmente em Portugal e no estrangeiro, em espaços estabelecidos, e locais ditos não convencionais.

Desenvolve projetos de curadoria na área da Live Art, incluindo Amorph!98 em Helsínquia, Dia E Vento no Teatro do Campo Alegre, Porto, 2001, Brrr com o Teatro Nacional São João/ Teatro Carlos Alberto/ Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, de 2006 a 2011 o festival anual de Artes Performativas Trama com a Fundação de Serralves, em 2012 o

Sintoma nº 0 na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), e em 2013 o Sintomas e Efeitos Secundários em co-curadoria com o INED, o Instituto de Investigação da ESE/IPP.

É docente na FBAUP. É membro colaborador do izADS da FBAUP onde criou e dirige o Sintoma. Performance, Investigação e Experimentação.

rita macedo

Rita Macedo é historiadora de arte, professora de História da Arte Contemporânea e Documentação para a Preservação de Arte Contemporânea na Universidade Nova de Lisboa. Coordena a área de História da Arte no Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Doutorou-se em 2008, com a Tese *Desafios da Arte Contemporânea à Conservação e Restauro - Documentar a Arte Portuguesa dos Anos 60/70*. É Mestre em História da Arte e Licenciada em História, pela Universidade Nova de Lisboa. Integra o grupo de investigação sobre estudos de Museus do Instituto de História da Arte, da Universidade Nova de Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas). Tem desenvolvido investigação sobre documentação e memória na preservação de arte contemporânea em diversos projectos e equipas multidisciplinares, com publicações em livros, catálogos e revistas.

rui mourão

Rui Mourão (Lisboa, 1977) estudou Interpretação / Cinema no CECC, em Barcelona (2002) e Artes na Universitat Autònoma de Barcelona (2000), Maumaus (2007) e Malmö Art Academy, na Suécia (2008). Pós-graduação em Culturas Visuais Digitais e mestrado em Antropologia, no ISCTE (2013).

O seu trabalho foi seleccionado para: mostra nacional de *Jovens Criadores*, secção de vídeo (2006 e 2007); *Anteciparte* - "Uma seleção da mais jovem expressão artística nacional" (2009); *LOOP - The Video Art Festival* (Barcelona, 2007 e 2008); e *FUSO - Anual de Vídeo Arte Internacional de Lisboa* (2010 e 2013), onde recebeu o prémio do público. O seu filme *O Carnaval É Um Palco, A Ilha Uma Festa* estreou na Cinemateca Portuguesa e foi nomeado para "Melhor Documentário" no *Festival de Cinema QueerLisboa* (2013).

Fez várias residências artísticas. Colaborou com Coco Fusco (MACBA - Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2002) e Erwin Wurm (Malmö Konstmuseum, 2008). Escreveu vários artigos académicos e o livro *Ensaio de Ativismo - Vídeo e Performance* (2014). Concebeu e organizou Performances Artistas, em colaboração com mais de 100 pessoas. Faz parte da organização dos *Seminários Nómadas de Estudos da Performance*. Expôs individual e coletivamente em locais como: i'klectik Art Lab (Londres, 2016); Centro Cultural Vila Flor (Guimarães, 2015); Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado (Lisboa, 2014); Espaço do Conhecimento - Museu UFMG (Belo Horizonte, 2014); Galeria Quadrum (Lisboa, 2013); MMG (Budapeste, 2012); Palazzo Albrizzi (Veneza, 2012); Museu Nacional de Etnologia (Lisboa, 2012); Block T (Dublin, 2012); Ateliers de la Ville (Marselha, 2011); Plataforma Revólver (Lisboa, 2011); Künstlerhaus Bethanien (Berlim, 2010); Museu Oriente (Lisboa, 2009); CAPC (Coimbra, 2009); Koh-i-noor, (Copenhaga, 2008); Centro Nacional de Artes Contemporâneas (Moscou, 2008); Monkey Town (Nova Iorque, 2007); entre outros.

RUI ORFÃO

Nasceu em Leiria em 1958. Estudou engenharia civil na FCTUC em Coimbra e licenciou-se em arquitetura pela FAUTL em 1991. Em Coimbra, foi membro da direção do CAP (Círculo de Artes Plásticas) e elemento do Cores (GICAP). De 1980-85, coordenou "Projectos & Progestos" no CITAC, ciclo internacional de novas linguagens e tendências artísticas. Integrou ainda os coletivos "Artitude" e Fila K. Realizou a sua primeira performance no Funchal em 1978, seguindo-se performances e instalações em Coimbra, Lisboa, Almada, Leiria, Lyon, Paris, Turim, Salónica, S. Paulo, Gent e Luanda. Representado na coleção do CAM/FCG. Reside e trabalha em Lisboa.

SANDRA GUERREIRO DIAS

Sandra Guerreiro Dias nasceu em Beja (1981). É recém doutorada em Estudos Literários e História da Cultura pela Universidade de Coimbra, com tese de doutoramento sobre anos 80, história da arte da performance em Portugal e poesia experimental (FCT), intitulada *O Corpo como Texto: Poesia, Performance e Experimentalismo nos Anos 80 em Portugal* (2016). É

licenciada em Estudos Portugueses (2005) e Mestre préBolonha em História da Cultura Contemporânea (séc. XX) (2009), com especialização em literatura portuguesa no pós25 de Abril. Frequentou Cursos de Formação Avançada na Universidade de Bolonha e foi Bolseira de Investigação pelo *Research Council of Norway* na Faculdade de Humanidades da Universidade de Oslo, em 2009. Foi ainda Visiting Research Student na School of Arts – Birkbeck College, da Universidade de Londres, em 2012. É colaboradora do *PO.EX Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa* e membro da *ELO – Electronic Literature Organization*. Presentemente, é Assistente Convidada no Instituto Politécnico de Beja. Realiza investigação em Estudos da Performance, Poesia Experimental e história da cultura portuguesa no pós25 de abril, áreas nas quais tem vindo a apresentar conferências e artigos científicos, em Portugal e no estrangeiro. É poeta e performer.

SÓNIA PINA

Doutoranda em Comunicação e Artes e mestre em Ciências da Comunicação, especialização em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, com a tese «Do Texto à Acção: a Atitude Fluxus», que se debruçou sobre os elos entre o Fluxus internacional e a performática portuguesa dos anos 1960-80 (Departamento de Ciências da Comunicação, FCSH-UNL). Pós-graduada em Direito da Comunicação (Faculdade de Direito, UC), frequência integral do curso pós-graduado em Cultura Portuguesa Contemporânea (Instituto Camões) e licenciada em Filosofia (Faculdade de Letras, UC). Desenvolve uma investigação interdisciplinar, cruzando filosofia da performance, estudos intermediais, comunicação e semiótica. Colaborou com o arquivo Filatélico e Artístico da Fundação Portuguesa das Comunicações, no projecto «História, Memória e Narrativas»; com o CIMJ (Centro de Investigação em Media e Jornalismo, FCSH-UNL) e CEPESE (Centro de Investigação em População, Economia e Sociedade), no âmbito de dois projectos de investigação financiados pela FCT. Apresentou algumas comunicações sobre performance, corpo e intermedialidade, mais recentemente, no Congresso Internacional *Art&Gender?*, organizado pelo Instituto de História da Arte (FCSH/UNL), Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na Fundação Arpad Szenes, em Lisboa, e na Conferência prática *Arte e Política Reloaded? O Direito à Cidade*, convidada pelo CRIA/ISCTE e Hangar –

Centro de Investigação Artística. Colaborou igualmente a convite com o «Catálogo da Coleção de Serralves 2009» e conta com vários artigos publicados e dois no prelo na mesma área.

SUSANA CHIOCCA

Lisboa, 1974. Doutorada em Arte Contemporânea/Performance pela Facultad de Bellas Artes de Cuenca (Universidad Castilla-La Mancha) em 2016; investigação em torno da máscara na sua relação com a performance. Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 1999. Professora da cadeira de Nuevos Comportamientos Artísticos na Facultad de Bellas Artes de Cuenca (2016). Professora da cadeira de performance na Escola Profissional Balletteatro (2010-2012).

Organizou algumas exposições e eventos dos quais destaca o espaço *a Sala*, dedicado à apresentação de performances (2006-2010), criado juntamente com António Lago. Tem participado em diversas exposições, eventos e workshops.

SUSANA MENDES SILVA

O trabalho de Susana Mendes Silva integra uma componente de investigação, e de prática arquivística, que se traduz em obras cujas referências históricas e políticas se materializam em exposições, acções e performances através dos mais diversos meios de produção. O seu universo contempla e recontextualiza contextos sociais diversos sem perder de vista a singularidade do indivíduo. A sua intimidade psicológica ou a sua voz são inúmeras vezes veículos de difusão e recepção de mensagens poéticas e políticas que convocam e reactivam a memória dos participantes e espectadores.

Susana estudou Escultura na FBAUL e frequentou o programa de doutoramento em Artes Visuais (Studio Based Research) no Goldsmiths College, Londres, tendo sido bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. É Doutorada em Arte Contemporânea, pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, com a tese, orientada pelo Prof. Doutor António Olaio, baseada na sua prática performativa – *A performance enquanto encontro íntimo*. É Professora Auxiliar na Universidade de Évora, leccionando no curso de Arquitectura Paisagista desde 1999.

SUSANA POMBA

Nasceu em Lisboa em 1974. Licenciada em Pintura com pós-graduação em Estudos Curatoriais pela FBAUL, Universidade de Lisboa e frequência da Pós-Graduação em Edição, Livros e Novos Suportes Digitais da Universidade Católica. Como curadora, é responsável pelos projectos O Dia Pela Noite (2010) no Lux Frágil e o evento mensal Old School (desde 2011) no espaço Rua das Gaivotas 6, entre outros. É autora do blog Dove's Taste of the Day (desde 2007) – um arquivo fotográfico das exposições, performances e eventos culturais que se passam em contexto português. Colaborou com diversas publicações culturais e é editora da revista "Props" com, e para o Teatro Praga, desde 2009.

VÂNIA ROVISCO

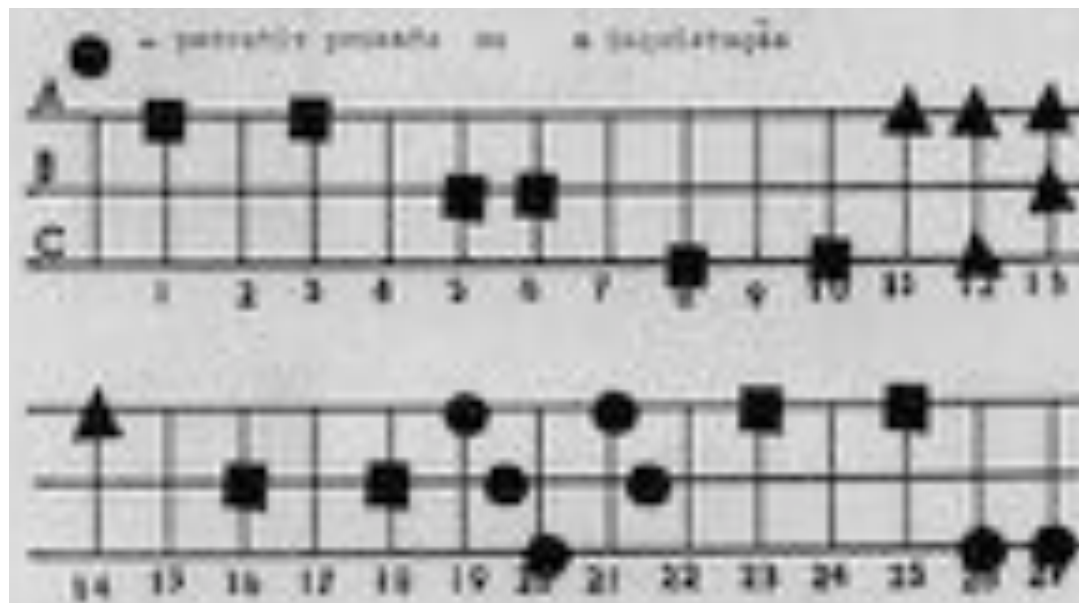
VÂNIA ROVISCO, concluiu o Curso para Intérpretes de Dança Contemporânea do Forum Dança (1998-2000). Trabalhou como intérprete com Meg Stuart/Damaged Goods (2001-2007) em diversas peças e projetos de improvisação. Calaborou com Pierre Colibeuf; Helena Waldman; Gordon Monahan, entre outros. 2004 começou a fazer direção de movimento, com diretores João Brites, Gonçalo Amorim, Gonçalo Waddington/Carla Maciel. 2007, tomou a decisão de colocar o corpo no contexto da galeria de arte, concebendo instalações e performances, que tornou-se um alicerce na concepção do seu trabalho, envolve também o vídeo pela captura da plasticidade do corpo e movimento. 2013, estreou o solo The Archaic, Looking Out, The Night Knight. Participou na Feira de Arte Contemporânea mOstra14. Encenou para o festival TODOS "Silo de carros e estradas giratórias". No mesmo ano iniciou REACTING TO TIME, portugueses na performance, que lida com a transmissão do arquivo vivo da performance em Portugal de finais dos anos 60.

VERÓNICA METELLO

Verónica Metello é doutoranda em filosofia na Universidade de Coimbra, licenciada em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa e Mestre em História da Arte Contemporânea pela mesma Universidade. Investigadora focada na performatividade e categoria da experiência na

arte contemporânea, trabalha as hibridações formais, linguísticas e tecnológicas do experimentalismo. Neste domínio desenvolveu a primeira investigação e proposta para uma História da Performance arte em Portugal entre 1961 e 1979. Lecionou na Pos-graduação em Comunicação Cultural da Universidade Católica de Lisboa e no Mestrado em Comunicação Visual na ADE. Colaborou com a Direcção Geral das Artes no Laboratório de Arte

Experimental e no Gabinete de Artes Visuais. Entre os projectos recentes inclui-se a participação no projecto *Off- hinge/ off-center* do MoMa de Varsóvia, na retrospectiva de João Garcia Miguel: *How to do things with bodies*, na formulação e consultoria artística do projecto *Reacting to time: portuguese na performance* e a curadoria do projecto *Presense*.



MOSTRAS



UMA MOSTRA (NÃO) REPRESENTATIVA DA PERFORMANCE ARTE PORTUGUESA

A mostra bibliográfica e a mostra artística/documental da performance arte que se apresentam neste espaço têm o seu enquadramento específico no simpósio “Performance Arte Portuguesa: 2 ciclos para um arquivo”, a decorrer no anfiteatro do Museu Coleção Berardo de 20 a 22 de Julho de 2016.

Joga-se aqui com a questão da representatividade ou da não representatividade destas mostras, uma vez que todos estes documentos, fotografias ou vídeos são de alguma forma representativos de uma história que tem ficado oculta, são indícios que nos dão a ver aspectos particulares, fragmentários, mas que no seu conjunto permitem ir criando um retrato da performance arte portuguesa. Não deixam, contudo, de ser não representativos de uma história maior porque não estão contemplados aqui todos os nomes nacionais e internacionais que deram corpo a este campo singular, nem estão presentes documentos que nos dariam um retrato mais preciso.

Esta mostra mantém as características do que tem sido a construção desta história: fragmentação e dispersão. Esperamos, contudo, que seja um apontamento relevante para a constituição de um arquivo futuro e da exposição que há-de vir sobre o contexto da performance portuguesa e das suas relações com o panorama internacional. Onde seja possível mostrar ou recriar os processos artísticos, os artistas, os festivais nacionais e internacionais, os variados registos fotográficos, em filme e vídeo e, também, os testemunhos dos próprios artistas, dos organizadores e dos seus públicos sob este património performativo português.

Neste retrato contempla-se o primeiro registo sobre o manifesto futurista internacional publicado em Portugal, apresentam-se diversos catálogos de festivais nacionais e internacionais de performance arte, documentos e fotos, assim como se apresentam fotos e vídeos de artistas de gerações e áreas diferentes que participam neste simpósio. Registam-se aqui os seus nomes: Ernesto de Melo e Castro, Manoel Barbosa, Albuquerque Mendes,

Rui Orfão, Fernando Aguiar, António Olaio, Alexandra do Carmo, Rui Mourão, Rita Castro Neves, João Garcia Miguel, Paulo Mendes, Filipa César, Manuel Botelho, Susana Mendes Silva, Pedro Barateiro, Beatriz Albuquerque, Frederico Diniz, António Contador, Susana Chiocca, Fernanda Eugénio & Ana Dinger, Vânia Rovisco. Estes, por sua vez, trazem até nós nos seus registos artísticos e documentais, e nos seus testemunhos, outros artistas que participaram nesta história, tais como, Ernesto de Sousa, Ana Hatherly, João Vieira, Ana Borralho e João Galante, Miguel Pereira, entre muitos outros.

Cláudia Madeira, Julho de 2016

ARTES PERFORMATIVAS EM PORTUGAL: BREVE MOSTRA BIBLIOGRÁFICA [CURADORIA MANOEL BARBOSA]

A convite do Simpósio Internacional Performance Arte em Portugal, exhibe-se neste espaço – e em função do mesmo – muito seleccionada bibliografia pertencente a Manoel Barbosa Performance Arte.Body Art Archives, sobre alguns dos principais eventos no âmbito das Artes Performativas em Portugal, com especial incidência porque foi intenção inicial, nos happenings e sobretudo performances, mas também na dança-performance.

Porque o Simpósio é accionado, dirigido por docentes universitários, e participado para além de performers, por estudantes, docentes, historiadores, público sem dúvida crescente e interessado, optou-se por mostrar cronologicamente e desde o Futurismo as primeiras acções *performativas* de Almada Negreiros (a génese), Santa Rita Pintor, passando naturalmente pelos Surrealistas, notando-se mais um hiato até aos happenings como tal assumidos, anunciados e executados por Ernesto Mello e Castro, Ana Hatherly, João Vieira, Ernesto de Sousa entre outros, marcantes momentos de rupturas, percursos e *esticões* estéticos, discursivos, no marasmo da arte, da cultura e da sociedade de então.

Doutro modo, com suportes e objectivos diferentes, surgiu a obra corporal e performativa de Helena Almeida, trabalho perfeito, magnífico, fulgurante, que impõe-se desde a década de 1960 e insere-se na História das artes performativas, da body art. Por tal, esta resumida mas especial e merecida mostra dum percurso *entre* e com performers.

Outra artista, outro discurso corporal: Lourdes Castro, que com Manuel Zimbro criaram uma obra relevante, peculiar com o *Teatro de Sombras*, estão obrigatoriamente presentes.

Mais notáveis artistas que usam o seu corpo (ou doutros) em actos performativos registados e exibidos em vídeo e fotografia, estão necessariamente mostrados. Neste âmbito, por coincidência temporal e no Museu Berardo (até Setembro) pode ver-se na exposição *O Enigma—Arte Portuguesa na Colecção Berardo* (curadoria de Pedro Lapa) quatro excelentes *performers*: Jorge Molder, João Tabarra e João Maria Gusmão/Pedro Paiva.

Nestes cerca de duzentos documentos (não sendo uma Mostra fotobibliográfica complementa-a com algumas fotografias), propicia-se uma breve análise da muito relevante arte performativa criada e executada por portugueses, e a apresentação no país de alguns dos mais destacados autores, coreógrafos, performers estrangeiros.

Está por historiar de modo isento, com atenta pesquisa e concreto conhecimento analítico as artes performativas em Portugal, embora Egídio Álvaro (principal impulsionador, promotor das artes performativas desde início da década de 1970 até inícios de 1990) tenha produzido vasta, indispensável e já histórica bibliografia.

Quem fizer esse trabalho historiográfico (e necessariamente fotobibliográfico) terá salutares surpresas, proporcionará inesperados *mapeamentos* territoriais, estéticos e discursivos, e prestará enorme contributo para (re)colocar de modo decisivo as artes performativas na História da arte portuguesa.

Destaca-se na Mostra e em espaços próprios, dois momentos que reprojectaram performers portugueses: o Symposium International d'Art Performance de Lyon (1979-1983, o mais importante evento de nível internacional até então, organizado e dirigido por Orlan e Hubert Besacier) e Performance Portugaise, no Centre Georges Pompidou, 1984, organizado por Egídio Álvaro.

Refira-se que outras obras de performers portugueses foram apresentadas em prestigiados museus, festivais, encontros, galerias em Paris, Nova Iorque, Londres, Berlin, Amesterdão, Madrid, Gent, Viena, Québec, Tóquio, ou Varsóvia, e mencionadas, analisadas em revistas como Flash Art, Art Forum, Art Press, inseridas em enciclopédias, livros sobre a história das artes performativas.

Noutra ocasião, preferencialmente em Portugal, se mostrará muito mais vasta e inédita, surpreendente bibliografia e fotobibliografia das Artes Performativas em Portugal.

Manoel Barbosa, Lisboa 2016

MOSTRA ARTÍSTICA / DOCUMENTAL

[CURADORIA CLÁUDIA MADEIRA]

A cronologia não nos ajuda muito na definição do que é a performance arte portuguesa, segui-la serve apenas para construirmos uma ordem de acontecimentos que tem sempre outros acontecimentos ocultos ou invisibilizados ou a que se poderiam dar nomes diferentes. Ernesto de Sousa numa carta a Noronha da Costa, datada de 21 de Abril de 1982, referia-se à catalogação do “Encontro no Guincho-Rinchoa”, em 1969, como *happening*, considerando que melhor seria ter-lhe chamado *performance* porque esta noção eliminaria muitas das falências teóricas anteriores. E, por isso, afirmava: “julgo que alguma coisa do que fizemos do passado, os poetas experimentais, o João Vieira, eu com o Jorge Peixinho, contigo, etc. – teriam sido melhor classificadas de *performances* ... Isto só tem importância porque a *performance* (do fr. Antigo: *per formare*), a performatividade, é conceito primordial na ciência e na estética dita pós-moderna”.

À problemática conceptual, sobre o que é e não é performance arte, têm-se juntado outras questões conflituantes em torno da ontologia da performance arte. Diversos autores nos estudos da performance têm adoptado perspectivas diferentes face ao posicionamento deste género híbrido e indefinido em torno das questões da representação ou da não representação, das artes plásticas e do teatro, da performance arte e da performance social, da efemeridade e da mediação, do estatuto documental ou teatral dos seus registos, dos “ciclos” e do “início” e do

“fim” da performance, entre diversas outras questões. É claro que devemos procurar ser precisos a definir o que é performance arte, mas seguindo a linha de pensamento apresentada acima por Ernesto de Sousa, se olharmos para os registos de *Música Negativa* de **Ernesto de Melo e Castro**, apresentada pela primeira vez em 1965 no âmbito do *Concerto e Audição Pictórica* na Galeria Divulgação em Lisboa, podemos ver aí um happening, uma performance, uma vídeo-performance, uma performance para a câmara, ou um *re-enactment*, uma vez que o filme de 16mm a que temos acesso foi posteriormente registado em 1977 por Ana Hatherly. Já para não dizer que entre 1965 e 1977 Ernesto de Melo e Castro re-apresentou diversas vezes e em diversos contextos esta peça que simbolizava o silêncio imposto durante a ditadura portuguesa até 1974. E importa também referir que Melo e Castro não se define nem como artista plástico, nem como homem de teatro, mas antes como poeta experimental ou poeta visual, e foi a partir daí que criou esta e outras peças que podemos incluir hoje na história da performance portuguesa.

Por outro lado, ainda, Melo e Castro, numa entrevista a **Ernesto de Sousa**, registada em filme na Galeria Buchholz, em Dezembro de 1974, dará conta que esse “laboratório experimental saltou para a rua!”, levando o “povo” a subverter e a dar novos sentidos “artísticos” e “políticos”, por exemplo, aos sinais de trânsito. Nas suas palavras: “se muitos de nós poetas visuais antes do 25 de Abril nos dedicámos à experimentação laboratorial de certo modo fechada e hermética para o público foi porque o contexto antes do 25 de Abril estava desligado da criatividade dos homens e das mulheres”. Caminhando pelas ruas portuguesas da pós-revolução, Melo e Castro mostrava como a Revolução tinha aberto as portas à manifestação criativa do povo, o que se revelava nas inscrições que apareciam nas paredes e mesmo nos sinais de trânsito, como, por exemplo, um sinal de stop onde se acrescentou a palavra “ao fascismo”; a sigla do P.C.P. (Partido Comunista Português) que foi transformada em BOB (numa nova significação meramente sem sentido); ou ainda a sigla C.D.S. (Centro Democrático Social) em que o “S” é substituído por um \$ (cifrão). Inscrições que pervertendo o seu significado unívoco e normativo ganharam uma assumida carga política.

Foi precisamente este ambiente de fusão da arte com o social que levou o historiador e crítico de arte João Pinharanda a caracterizar o 25 Abril como o primeiro exemplo de *arte pública anti monumento* em Portugal. Segundo este autor tratou-se de um momento de criação e participação colectiva: acção popular de rua que acompanhou a queda do regime, através de um

processo simultâneo de destruição dos símbolos do regime (nomeadamente os símbolos escultóricos) e do levantamento alternativo de uma iconografia provisória nas ruas da cidade, constituída por pinturas, pichagens clandestinas, cartazes.

Se neste filme que será comentado no Simpósio pelo próprio Melo e Castro conseguimos ver algum do ambiente vivido nas ruas em 1974, por sua vez, na instalação sonora que **Alexandra do Carmo** criou para a Galeria Quadrum entre 2011-2012 temos acesso aos testemunhos, às memórias, dos agentes (performers, públicos, etc.) que circulavam nesta galeria para ver performance nas décadas de 1970 e 1980. Algumas dessas memórias nem sempre factuais ecoam na performance *Caretos* de **João Vieira**, de 1984, dando o título a esta instalação *Tudo foi captado (mesmo os movimentos do cabrito)* uma vez que este título teve origem na entrevista com Gracinda Candeias onde esta descreveu o animal presente na performance de João Vieira como sendo um cabrito, quando, na verdade, era uma burra como testemunhou depois Ana Isabel Rodrigues. A estas memórias juntam-se outras de diversas performances como as de **Ana Hatherly**, que conseguimos hoje ver numa pesquisa simples na internet como *Rotura*, de 1978 ou, ainda, em performances de artistas internacionais como *A hot afternoon 3*, de **Gina Pane**, também, de 1978. Desse mesmo período temos o registo da passagem de performers portugueses por circuitos internacionais, como é o caso das fotos e vídeo da peça de **António Olaio** *Il Faut Danser Portugal* apresentada no Centre Georges Pompidou, em Paris, em 1984, no âmbito da mostra *Performance Portugaise* sob organização de Egídio Álvaro, dez anos após o 25 de Abril, mas por onde passaram também outros performers representados no simpósio como **Manuel Barbosa, Albuquerque Mendes** e **Rui Órfão**. Estes dois últimos desenvolveram um trabalho performativo que, diversas vezes, passou pelo ritual/ performance.

Estas performances cujo enquadramento temporal se situa entre meados dos anos 60 e 80 e por onde ecoa o ambiente da ditadura e da revolução portuguesa constituem um primeiro ciclo da história onde a performance arte ganhará este nome, e a partir do qual as experiências mais performativas dos futuristas, surrealistas e dos poetas experimentais serão re-catalogadas. A partir de 1990 e, especialmente, no novo milénio surgem novos trabalhos de artistas nem sempre, ou nem todos centrados na performance mas que fazem uso dela para dialogarem com a arquivo e repertório da performance social dos portugueses. **Paulo Mendes** incorporando a figura de Salazar em *S de Saudade*, desde 2007. **Filipa**

César dando a ler num texto encenado palavras de Amílcar Cabral no âmbito de *Mined Soil* apresentado na Old School em 2014. No mesmo espaço **Manuel Botelho** tinha apresentado no ano anterior uma performance interpretada por si a *Viagem Triunfal que o Presidente da República o Contra-Almirante Américo Tomás realizou à Província Ultramarina de Angola* em 1963. **Susana Mendes Silva** tinha apresentado em 2012 no Colégio das Artes **69-12** para fazer ecoar de novo as palavras-de-ordem que se diziam nos movimentos estudantis em 1969 em Coimbra. **Frederico Diniz** tem enveredado por uma performance tecnológica que dialoga com a memória dos lugares e das gentes, nomeadamente da guerra colonial portuguesa, como é exemplo de *Adeus até ao meu regresso* de 2015.

Rui Mourão desenvolveu performances “ativistas” em Portugal, explorando um potencial transformador na arte que reaproxime a estética da ética, o eu do outro, a arte da sociedade. Os dois vídeos presentes na mostra focam-se nesse potencial transformador, entre o íntimo e o político, sempre por via do artístico.

Neste contexto diverso é importante ainda sublinhar que quando falamos hoje e quando se falava ao tempo da performance arte portuguesa há que dizer que se trata sempre de uma realidade que atravessa fronteiras. Os processos contaminaram-se, os referentes hoje e sempre foram misturados. Os performers portugueses sempre possuíram traços cosmopolitas, cruzaram fronteiras, partilharam ou criaram informação, como a *mail arte*, redes de afinidades e sentidos.

António Contador hoje faz esse cruzamento mais expressivo, entre Paris-Lisboa, cria lá e cá, produzindo performances que acentuam atravassamento de culturas. **Ana Rito** inscreve também o seu trabalho nesse movimento. **Pedro Barateiro** a par disso faz uma incursão por um dos eixos centrais da performance — o quotidiano — e mostra-nos essa ligação intrínseca entre arte e social na performance. **Fernanda Eugénio & Ana Dinger** criam um metadiálogo dessa história onde conceitos, autores, referentes se misturam.

Susana Chiocca, no Porto, conjuntamente com **António Lago**, criou *a sala em 2007* dando espaço na sua casa para as suas performances e as de outros acontecerem. Ela apresenta-nos aqui registos da sua peça *Europa* e também o filme da sua performance *Bitcho*. Também no Porto, **Rita Castro Neves** havia criado em 2001 o festival de *Live Arte Brrr*, num tempo onde as novas gerações redescobriam aos poucos uma outra geração

percursora. **Fernando Aguiar**, que nos anos 80 traduz a poesia visual numa corporização performativa, vai também organizar diversos encontros de performance: num desses encontros, em meados dos anos 90, denominado *Acções Urbanas*, que decorreu em Lisboa, deu-se conta que as novas gerações que enveredavam pelas práticas artísticas mais interdisciplinares desconheciam a geração que tinha ganho o nome de performance arte portuguesa, tornou-se urgente para ele dar a conhecer os catálogos que indiciavam essa história invisível do panorama artístico português.

Nesse mesmo processo, mais recentemente, surge em 2015 *Reaction to Time* de **Vânia Rovisco**, transmitindo para novas testemunhas e novos intérpretes performances históricas como *Identification* que **Manoel Barbosa** criou em Barcelona em 1975, ainda Espanha vivia o jugo ditatorial, e *Il faut Danser Portugal*, de **António Olaio**, de 1985.

Entre estas duas "gerações" (e, fazemos referência que este conceito é problemático uma vez que os artistas se entrecruzem em redes de várias gerações) outros grupos e "gerações" de artistas estão presentes como o colectivo **O OLHO**, liderado por **João Garcia Miguel**, onde se forma a dupla **Ana Borralho** e **João Galante**, entre outros, e antes ainda assiste-se a uma deriva da performance para a cultura pop mais mediática. Por exemplo, em finais da década de 80 surgiram novos grupos como os *Homeostéticos*, ou os *Felizes da Fé* que não foram integrados nesse mesmo movimento da performance, ainda que pudessem ser considerados herdeiros desse movimento. Seriam, por isso, muitos mais os nomes que deveriam ser contemplados nesta mostra e neste simpósio. **Manuel João Vieira**, **Rui Zink**, **Alberto Pimenta**, seriam alguns, para não falar de **António Barros**, que atravessou o campo da performance arte portuguesa, dialogou com os seus agentes mas criou as suas próprias *artitudes*. Fiquemos então com a imagem de Ernesto de Melo e Castro orquestrando uma pauta de música negativa para nos lembrarmos dos silêncios da história e para repensarmos o valor do arquivo da performance arte portuguesa.

Cláudia Madeira, Lisboa, Julho 2016

FICHA TÉCNICA (MOSTRA ARTÍSTICA/DOCUMENTAL)

Organização Cláudia Madeira

Montagem vídeo Frederico Albuquerque

Albuquerque Mendes

_Foto "As três mortes de São João Baptista", Portugal, Póvoa do Varzim, 1976

_Foto "O ritual da água", Lyon, I Symposium International D'art, 1979

_Foto "Ritual/Performance", Portugal, Viana do Castelo, 1975

_Foto Portugal, Caldas Da Rainha, Encontro Internacional Arte, 1977

_Foto Performance, Portugal, Lisboa, SNBA, 1980

_Foto "Os três dedos da mão do arco-íris", Portugal, Porto, 1977

_Foto "O_novíssimo_testamento", 2012

_Foto "Lygia", Portugal, Maia, 2015

Alexandra do Carmo

_ Audio 26' 22" "Tudo foi captado (mesmo os movimentos do cabrito)", apresentado na Galeria Quadrum, entre 24 de Setembro de 2011 e 22 de Janeiro de 2012

Ana Rito

_ Vídeo 2'28 m, "a palavra e o fantasma", intérprete: Rita Lucas Coelho, 2015

_ Vídeo 3'10 m, "Amatoria", intérprete: Rita Lucas Coelho, 2015

_ Vídeo 1'31 m, "Le Buste", intérprete: Rita Lucas Coelho, 2015

António Contador

_ Foto 'TDLCA', Paris, Fondation d'Entreprise Ricard, comissariada por Christian Alandete, Intérprete: Hélène de Laurens, 2016. Créditos: Guillaume Vieira.

_ Foto 'Tu te tus', Bruxelas, Wiels, comissariada por Agnès Violeau, com a participação da Banda Filarmónica da Polícia de Bruxelas, 2013

_ Foto 'Sam', Paris, Palais de Tokyo, performance escrita e encenada com Julie Béna, comissariada por Agnès Violeau e Sébastien Faucon,

intérpretes: Peter Miller, James Joint, Hélène de Laurens, Isabelle Klein, Caroline Lionnet e a Banda Filarmónica dos Portugueses de Paris, 2014. Créditos foto: Aurélien Mole.

António Olaio

_ Foto "Il Faut danser Portugal", Paris, Centre Georges Pompidou, Performance Portugaise, org. Egídeo Álvaro. 1984, Créditos Bernard François

_Vídeo "Il Faut danser Portugal", Paris: Centre Georges Pompidou, Performance Portugaise, org. Egídeo Álvaro, 1984

_Foto "Les miroirs ne reflètent pas l'image de Dracula", Amesterdão: Makon, Portuguese Performance, 1984. Créditos Bernard François

Beatriz Albuquerque

_Foto "Crise na Fortuna", performance no âmbito do projecto com o mesmo nome 2013-2016, Portugal, Vila Nova de Cerveira, "Prémio Revelação", 17ª Bienal de Cerveira: Arte: Crise e Transformação, 2013

_Foto "Cor" (performance integrada no projecto com o mesmo nome 2004-2015), Emily Harvey Foundation, USA, Nova Iorque, 2009

_Foto "Trabalho de Graça", performance integrada no projecto com o mesmo nome 2005-2016, Grécia, Thessaloniki, 2nd Thessaloniki Biennale of Contemporary Art – 1st Performance Festival, 2009

_Vídeo "Heterónimos", USA, Nova Iorque, Arte Institute: Pessoa in New York, Poets House, 2014

Ernesto de Melo e Castro

_ Foto, pauta e filme 16mm "Música negativa", este último filmado por Ana Hatherly, 1977

Fernanda Eugénio & Ana Dinger

_ Vídeo "Metálogo#3 - Os Modos da Superfície" Portugal, Porto, no âmbito do seminário "A Procura da Superfície – o corpo no século XXI. Esgotamento ou reabilitação", ESE, 2016

Fernando Aguiar

_ Foto "Vocal & Visual Sonnets", Japão, Tóquio, Tokyo Metropolitan Art Space, NIPAF 97 – The 4th International. Créditos Foto: Kondoh Makoto

_Foto "Sound and Visual Sonnets", Praga, República Checa, Synagoga na Palmovce, SERPENS I, International Festival of Performance and Action Art, 1996.

Filipa César

_Vídeo "Mined Soil", Portugal, Lisboa, OldSchool#30, Curadoria Susana Pomba, 22 Março 2014

Frederico Dinis

_Fotos e instalação sonora "Adeus, até ao meu regresso!", meios: vozes gravadas e fotografias em caixas de luz (30x30cm), 2014

_Vídeo "[re]visitation", conceito e interpretação: Frederico Dinis e Leonor Barata, Produção: pensamento voador – associação para a promoção de ideias, 2016. Créditos vídeo: Ana Arromba Dinis

João Garcia Miguel

_Fotos "DQ - Éramos todos nobres cavaleiros apanhados num sonho", Portugal, FCG, Encontros Acarte, 2001. Créditos Fotos: Ricardo Nogueira Mendes

_Fotos e Vídeo "ZONA"; Portugal, Cacilhas, Espaço Ginjal, Peça do Grupo Teatral OLHO. Direção João Garcia Miguel, 1999. Créditos Fotos: Ricardo Nogueira Mendes

Manoel Barbosa

_Fotos "ORLA", Paris, Galerie Diagonale, Troisième Cycle International de Performances, 1980

_Fotos "OAUX", Portugal, Almada, Alternative – I Festival d'Art International d'Art Vivant, Almada/Portugal, 1981

_Fotos "ASC", Paris, Premier Festival de la Performance de Paris, Galerie JJ Donguy, 1982

_Fotos "Froolml", Portugal, Coimbra, Festival Line Up Action, Manoel Barbosa + 11 performers, 2010

Manuel Botelho

_Vídeo "Viagem Triunfal", Portugal, Lisboa, OldSchool#28, Curadoria Susana Pomba, 2013

Paulo Mendes

_ Registos vídeo de performances da série S de SAUDADE realizadas em 2010 e 2011:

_ “silêncio, ordens, preces, ameaças, elogios, censuras, razões, que querem que eu compreenda do que eles dizem,” performance apresentada no coreto do Jardim de São Lázaro no Porto no âmbito do projecto TOTEMISMO URBANO, projecto colectivo de performance no espaço público na cidade do Porto. Segunda apresentação no coreto do Jardim da Cordoaria no Porto no âmbito do TRAMA Festival de Artes Performativas, organização da Fundação de Serralves e do Brrr Festival de Live Art, Porto, 2010

_ “se pudessem parar de fazer para não fazerem nada, enquanto não param de todo.”, apresentada no ciclo de performances O DIZER DO CORPO, projecto de Susana Chiocca no Espaço Ilimitado - Núcleo de Difusão Cultural, Porto. Segunda apresentação numa loja devoluta da baixa do Porto no âmbito do TRAMA Festival de Artes Performativas, organização da Fundação de Serralves e do Brrr Festival de Live Art, Porto, 2010

_ “S de Saudade, Restos de Colecção”, performance-instalação realizada originalmente para a montra da loja Rubi na cidade do Porto no âmbito do projecto Troca-se por Arte, projecto artístico de intervenção pública. Ao longo de várias horas e de vários dias a personagem e os seus adereços instalaram-se numa montra. Posteriormente esta performance foi apresentada na montra da Livraria Latino na Rua de Santa Catarina no Porto, 2011

_ “Caixa de Música, O Grande Baile do Estado Novo”, performance-instalação integrada no ciclo Obras para Corpos Revistos e Actualizados, comissariado por Joclécio Azevedo para o NEC Núcleo de Experimentação Coreográfica, apresentada no Salão de Baile do Clube dos Fenianos, Porto, 2011

_ “S de Saudade, a tortura da memória”, performance-instalação com aproximadamente cinquenta minutos, apresentada no Museu Militar do Porto antiga sede da PIDE / DGS no âmbito do TRAMA Festival de Artes Performativas, organização da Fundação de Serralves e do Brrr Festival de Live Art, Porto, 2011

Pedro Barateiro

_ Fotos “*Como Fazer uma Máscara*”, Portugal, Lisboa, OLD SCHOOL #3, Curadoria Susana Pomba, 2011. Créditos das fotos: Vera Marmelo.

Rita Castro Neves

_ Fotos "See through", Portugal, Festival Safira, 2011. Créditos das fotos: Virgílio Ferreira

Rui Mourão

_Vídeo 7'39" "THIS VOICE IS NOT MY VOICE", 2016.

_Vídeo "EX-NAMORADOS", vídeo #1 | mini-dv transferido para digital, 4:3, cor, som, 5' 25"; vídeo #2 | vídeo gravado com câmara de telemóvel e transmitido para o computador via internet, cor, som, 5' 28", 2011

Rui Orfão

_Foto "Mobilis in mobile", Portugal, Lisboa, FCG-Acarte, 1989. Créditos: Pedro Ferreira.

_Foto "A divina essência de um círculo vicioso#4", Portugal, Lisboa, AICA-SNBA, 1984

_Foto "De Re aedificatoria #1", Portugal, Lisboa, Central Tejo, Artejo, 1989. Créditos: Pedro Ferreira.

-Foto "SublimAction", Lyon, 3.º Symposium, 1981

_Foto "La Serpent Vert", Paris, 1.er Festival d'Art Performance, Galerie J.Donguy, 1982

_Foto "Perspectivas ...", Portugal, Lisboa, Galeria Diferença, 1982

_Foto "3.ª Diagonal", Portugal, Coimbra, CAP, 1984

_Foto "Hotel zur oper", Portugal, Conservatório de Aveiro, 1982

_Foto "Delight", Portugal, Castelo de Leiria, 2001

Susana Chiocca

_Foto "A minha Boca ainda guarda a minha língua", Portugal, Bienal da Maia, Auditório Vinepor, 2015, a mesma performance foi ainda apresentada em *Festival International Performance Art Giswil*, Turbine, Giswil, SW, 2015, e *Hollow Inn*, Bienal Anozero, Colégio das Artes, Coimbra, 2015

_Foto "europa", integrada na exposição individual *Se já não fosse ...*, Porto, espaço Mira, 2006 Crédito foto: Rui Apolinário

_Vídeo "BITCHO", Sub_4^o, 2014

Susana Mendes Silva

_ Documentação Vídeo "Rectangle Disorder", a partir da instalação *Rectangle Disorder* de Susana Mendes Silva na Fundação Leal Rios (Lisboa), a artista e o coreógrafo Miguel Pereira criaram em co-

autoria uma série de três performances que permitiam ao público experimentar a obra de modo sequencial: #1 [*preview*], #2 [*instruction manual*] e #3 [*finissage*]. 2014, Créditos: Maria João Guardão / Desmedida Filmes e Susana Mendes Silva

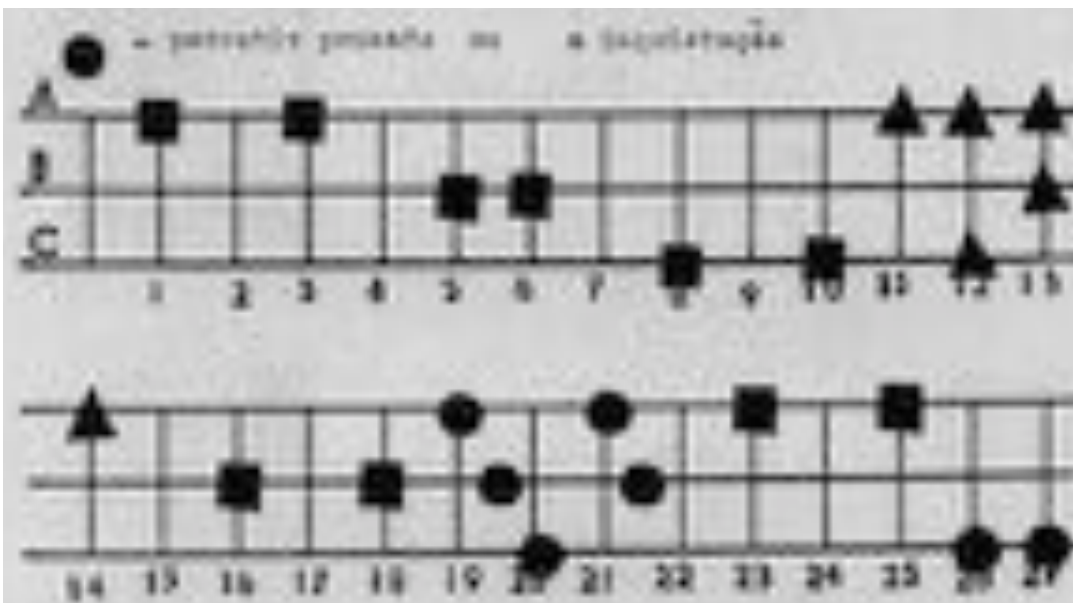
Vânia Rovisco

_Foto "REACTING TO TIME: IL FAUT DANSER PORTUGAL", a partir do trabalho de António Olaio, Paris, 1984. Portugal, Hall Entrada do Teatro da Trindade, Festival Cumplicidades, 2016

_Fotos "REACTING TO TIME: *Identificación*", a partir do trabalho com o mesmo título desenvolvido por Manoel Barbosa, Barcelona, 1975, Portugal, Fundação Arpad Szenes Vieira da Silva, 2015

_Fotos "REACTING TO TIME": transmissão de performance Manoel Barbosa e Vânia Rovisco, 5 a 9 Jan. 2015. Créditos das fotos: Diogo Barros Pires

_Vídeo "REACTING TO TIME, portugueses na performance". Criação e Direção Artística: Vânia Rovisco; Consultora artística: Verónica Metello; Produção, comunicação e assessoria de imprensa: Marta Rema; Gestão Financeira: Natacha Rovisco; Design Gráfico: João Machado; Programador web: Nuno Frutuoso; Vídeo e edição Vídeo: Francisco Duarte Coelho, Duarte Martins, Traduções: Pietro Romani; com os autores: Fernando Aguiar, Manoel Barbosa, Albuquerque Mendes, Clara Menéres, António Olaio, 2016.



INFORMAÇÕES ÚTEIS



O QUE VER NO MUSEU COLEÇÃO BERARDO

COLEÇÃO BERARDO (1900-1960)

Exposição permanente, Piso: 2

COLEÇÃO BERARDO (1960-1990)

Exposição permanente, Piso: -1

NOVO BANCO PHOTO 2016

Exposição temporária, Piso: -1

O ENIGMA - ARTE PORTUGUESA NA COLEÇÃO BERARDO

Exposição temporária, Piso: -1

MATTER FICTIONS (COM OBRAS DE ANA HATHERLY E E.
M. DE MELO E CASTRO, ENTRE OUTROS)

Exposição temporária, Piso: 0

Contando uma história parcial da nossa relação com a matéria, esta exposição explora a forma como o cruzamento entre narrativas cosmológicas, as revoluções espaciais da poesia concreta e as ficções hipertextuais e territoriais pode ter impacto no reconhecimento da agência humana num tempo que exige a nossa intervenção perante as alterações climáticas.

Com o aparecimento de algoritmos genéticos, a força descolonizadora da resistência poética previu o impacto viral da programação e as suas consequências no mundo físico. Com a libertação do signo, gerações de ciber-utopistas e poetas, abriram caminho para a compreensão da potencialidade da linguagem como veículo de turbulência e entropia material. E, ao passo que nos tornámos sensíveis às propriedades fluidas do código como subconsciente tecnológico da realidade, começámos a interrogar-nos sobre as causas da transformação planetária e a contestar o uso predatório e extrativista da matéria. De igual modo o determinismo

tecnológico e o trabalho maquinal eliminaram a possibilidade de uma democracia terrestre. A extração abusiva de recursos despreza qualquer compreensão do tempo geológico e de ontologias não-humanas - sejam elas vegetais, animais ou minerais - ignorando o reconhecimento da nossa cumplicidade com a matéria. Mas como poderemos nós navegar neste espaço liminar e pensar sobre nós próprios como agentes responsáveis?

À medida que o mundo se encontra progressivamente sujeito a algoritmos preditivos, os artistas ganharam uma consciência apurada dos circuitos metabólicos da matéria, da sua agência e potencial, enquanto catalisadores de transformações económicas e biopolíticas. O seu conhecimento revelou-se alquímico, ao atuarem como conversores de ecologias planetárias e dinamizadores indispensáveis de uma agência coletiva. Que possamos aprender com eles a reposicionar-nos ontologicamente no mundo, interrogando de que forma a matéria é transformada ao ritmo de uma corrente de lava.

(Margarida Mendes, Curadora da exposição)

ALMOÇO

Os participantes do Simpósio terão à sua disposição diversos locais para almoçar, incluindo o Bar TERRAÇO, SANDUICHE Bar, e o ESTEOESTE Restaurante. Para além destes locais, existem vários restaurantes e cafés à volta do Centro Cultural de Belém.

(Nota: o Almoço não está incluído na Taxa de Inscrição do Simpósio)

COFFEE-BREAKS

Os coffee-breaks do Simpósio realizar-se-ão no piso 0 do Museu Coleção Berardo.

CAFÉ IMPÉRIO

Uma segunda performance de Paulo Mendes irá realizar-se no dia 21, no Café Império, pelas 22:30. Morada: Av. Almirante Reis, 205 A, 1000-048 Lisboa, Portugal.